

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA**

Ivan Menezes Calazans

**PROCESSOS DE PREFIXAÇÃO: ESTUDO DE PREFIXOS LATINOS
PROVENIENTES DE PREPOSIÇÕES E SEUS REFLEXOS NO
PORTUGUÊS**

Dissertação apresentada como requisito parcial do Curso de Mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística.

Orientadora: Teresa Leal Gonçalves Pereira

**SALVADOR - BAHIA
2007**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradecemos a Deus por ter-nos feito merecedor desta conquista e a todos que contribuíram de forma direta ou indireta.

À Prof^a. Dr^a. Teresa Leal Gonçalves Pereira, Orientadora desta Dissertação, por ter-nos dirigido com dedicação e competência.

Em especial, agradecemos à Prof^a. Dr^a. Rosauta Maria Galvão Fagundes Poggio, que esteve presente a cada momento da elaboração deste trabalho.

Aos professores em geral, que deram sua contribuição nos preparando para uma nova etapa de nossa vida profissional.

E, por fim, aos colegas, que nos apoiaram acreditando em mais uma conquista.

RESUMO

Atualmente, o interesse pelo estudo da mudança lingüística e, especialmente, pelo estudo da gramaticalização é cada vez maior. O presente trabalho estuda a trajetória das preposições latinas *ab*, *ex* e *de*, na expressão do AFASTAMENTO e da preposição latina *ad*, na expressão da APROXIMAÇÃO, formas que passaram a ser usadas como prefixos. Na passagem para o português, alguns desses itens desapareceram, mas, nessa língua, são empregados como prefixos. Verifica-se se esses prefixos mantêm ou não as acepções das preposições latinas correspondentes, bem como o novo processo de gramaticalização que ocorre em português, na busca de formas para expressar esses conceitos.

ABSTRACT

*Nowadays there is a growing interest in the study of linguistic change and grammaticalization. This work is intended to study the prepositions **ab**, **ex** and **de**, expressing REMOTENESS, and **ad** expressing APPROXIMATION. These items are now used as prefixes in Portuguese. It is verified whether these prefixes keep or not the same meaning as in corresponding Latin prepositions. The new grammaticalization process that occurs in Portuguese is also investigated.*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	06
2 ESTUDO DE PREPOSIÇÕES E PREFIXOS POR ALGUNS GRAMÁTICOS	08
3 FUNCIONALISMO	11
4 TEORIA DA GRAMATICALIZAÇÃO	23
4.1 CONCEITOS DE GRAMATICALIZAÇÃO	24
4.2 PROCESSOS DE GRAMATICALIZAÇÃO	26
4.3 PRINCÍPIOS DE GRAMATICALIZAÇÃO	28
5 AS PREPOSIÇÕES LATINAS	31
5.1 AS PREPOSIÇÕES <i>EX</i> , <i>AB</i> E <i>DE</i> NA EXPRESSÃO DO AFASTAMENTO	31
5.1.1 A preposição <i>ex</i>	31
5.1.2 A preposição <i>ab</i>	33
5.1.3 A preposição <i>de</i>	34
5.2 A PREPOSIÇÃO <i>AD</i> NA EXPRESSÃO DA APROXIMAÇÃO	37
6 OS PREFIXOS LATINOS	40
6.1 O PREFIXO <i>EX-</i>	40
6.2 O PREFIXO <i>AB-</i>	43
6.3 O PREFIXO <i>DE-</i>	46
6.4 O PREFIXO <i>AD-</i>	50
7 METODOLOGIA	54
7.1 ETAPAS DA PESQUISA	54
7.2 CARACTERIZAÇÃO DOS <i>CORPORA</i>	54
8 REFLEXOS DOS ITENS GRAMATICAIS NO PORTUGUÊS DO BRASIL	58
8.1 AUSÊNCIA/ PERMANÊNCIA DAS PREPOSIÇÕES <i>EX</i> , <i>AB</i> , <i>DE</i> E <i>AD</i>	58
8.1.1 A mudança do latim para o português: conceitos de AFASTAMENTO e de APROXIMAÇÃO	58
8.1.2 As preposições <i>ex</i> , <i>ab</i> , <i>de</i> e <i>ad</i> do latim ao português	70
8.2 PERMANÊNCIA DOS PREFIXOS <i>EX-</i> , <i>AB-</i> , <i>DE-</i> E <i>AD-</i>	75
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
10 REFERÊNCIAS	84

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, um ponto comum entre as teorias lingüísticas é a afirmação de que todas as línguas possuem caso. Enquanto a língua latina, *verbi gratia*, expressa essa marcação através da morfologia, outras línguas marcam o caso através da sintaxe, incluindo-se nesse último grupo a língua portuguesa.

O caso sintático da língua portuguesa se realiza por meio da ordem, relativamente obrigatória das palavras na sentença, assim como através do auxílio das preposições. Esses itens gramaticais já existiam no sistema latino, sendo, porém, pouco usados. Recorria-se ao emprego de preposições, quando se fazia necessário, a fim de tornar clara a comunicação. Com o passar do tempo, no latim tardio, em decorrência do sincretismo dos casos morfológicos, aumentou-se gradativamente o emprego desses itens de relação, passando, assim, a preposição a elemento marcador de caso no português.

Vale ressaltar que, inicialmente, as preposições latinas eram usadas em situações concretas, iniciando os adjuntos adverbiais. Pouco a pouco, são registrados empregos mais abstratos, como nos casos do complemento nominal e do objeto indireto.

Na língua portuguesa, houve um aumento no quadro das preposições e, além do surgimento de preposições simples, foram criadas locuções prepositivas para expressar alguns conceitos, cujas formas desapareceram nesse período.

Além da necessidade de um estudo para saber as formas de expressar os conceitos das preposições latinas que desapareceram, é importante averiguar, na língua portuguesa, o destino dessas formas, que direção tomaram, ou se desapareceram. É crucial observar que, algumas vezes, ocorreu também um enfraquecimento semântico de algumas preposições, levando-as a se tornarem afixos, deixando, desse modo, de ser morfemas livres para se tornarem morfemas presos, num processo de gramaticalização.

Para a execução deste trabalho, partiu-se das seguintes hipóteses: - algumas preposições latinas, na passagem para o português, chegaram ao estágio zero da gramaticalização, não deixando vestígios da sua forma na língua portuguesa, enquanto outras são empregadas no processo de formação de palavras, passando por um processo de

lexicalização; - para expressar alguns conceitos cujas formas desapareceram, na mudança do latim para o português, algumas locuções iniciaram seu processo de gramaticalização desde os primeiros períodos da língua portuguesa; e - os prefixos apresentam, muitas vezes, uma longa trajetória, que ora se inicia no latim, ora nos primeiros períodos da língua portuguesa.

Nesta pesquisa, analisam-se as preposições latinas *ex*, *ab*, *de* e *ad*, que, através dos processos de gramaticalização, passaram de preposições a prefixos. Na sua trajetória para o português, algumas dessas preposições se mantiveram, enquanto outras desapareceram.

Procura-se, através de uma análise comparativa de textos representativos do latim e do português, identificar, na língua portuguesa, as locuções prepositivas que substituíram as preposições latinas *ex* e *ab*, que expressavam o conceito de AFASTAMENTO.

Busca-se, a partir deste trabalho, apontar algumas palavras em que as formas *ex*, *ab*, *de* e *ad* são usadas como prefixos, num processo de formação de palavras, mormente no latim.

O tema focado nesta pesquisa poderá contribuir não apenas para o estudo da Lingüística Histórica, no que se refere aos processos de gramaticalização de preposições latinas e portuguesas, mas também para o estudo da lexicalização.

Esta Dissertação está constituída dos seguintes itens: Introdução, oito capítulos (Estudo de preposições e prefixos por alguns gramáticos; Funcionalismo; Teoria da Gramaticalização; As preposições latinas; Os prefixos latinos; Reflexos dos itens gramaticais no português do Brasil; Metodologia; e Considerações finais), além das Referências.

Vale acrescentar que, com esta pesquisa, não se pretende esgotar o tema abordado, podendo ser investigados, posteriormente, os seus reflexos no português atual.

2 ESTUDO DE PREPOSIÇÕES E PREFIXOS POR ALGUNS GRAMÁTICOS

Com base na leitura e exame de gramáticas clássicas, assim como de manuais de Lingüística, depreende-se que não existe muita diferença entre os autores, com relação à análise dos itens gramaticais, a partir dos aspectos sintáticos e semânticos.

Para esses estudiosos, de um modo geral, as **preposições** são definidas como sendo elementos que têm uma função relacional, isto é, ligar dois termos entre si: o primeiro termo, sendo o antecedente; e o segundo, o conseqüente ou subordinado. Limitam-se, assim, a explicar esses elementos, enfocando apenas o aspecto sintático. Essa abordagem é bastante vaga, haja vista que outras classes gramaticais, tais como substantivo, adjetivo e verbo, podem também estabelecer relações entre outros elementos textuais, não sendo, portanto, essa característica exclusiva das preposições.

A título de exemplificação, N. Mendes de Almeida (1988, p. 337) assinala que a preposição não tem significação; já Rocha Lima (1958, p. 335) admite que há contextos em que a preposição tem significado e em outros, não.

Celso Cunha e L. F. Lindley Cintra (1985, p. 542) dão novo enfoque a essa linha de pensamento. Seguindo a idéia de B. Pottier (1962), ambos enfatizam que as preposições possuem significação.

Os autores citados anteriormente apresentam a divisão das preposições em português em dois grupos: essenciais e acidentais. As primeiras são assim chamadas para se distinguirem das preposições do segundo grupo provenientes de vocábulos que, perdendo aí seu valor e emprego primitivos, passam a funcionar como preposições.

Vale acrescentar que, em um enfoque mais moderno, M. H. de Moura Neves (2002, p. 601-602) insere as preposições na categoria de *“palavras que pertencem à esfera semântica das relações e que na junção dos elementos do discurso num determinado ponto do texto indicam as porções que sucedem”*.

No caso das preposições, esses elementos podem ter seu estatuto determinado dentro de subestruturas da oração. A mesma autora faz uso de uma nova nomenclatura,

passando a chamá-las de introdutoras de argumento, isto é, introduzem complementos e as acidentais passam a equivaler, então, às não introdutoras de argumentos.

Para Celso Cunha e L. F. Lindley Cintra (1985, p. 543), a relação que se estabelece entre palavras ligadas por intermédio de preposição pode implicar movimento ou não movimento. Tanto o movimento como a situação podem ser considerados em referência ao espaço, ao tempo e à noção.

O estudo dos **prefixos** nas gramáticas normativas constitui um tema divergente, uma vez que enquanto alguns os consideram decorrentes de um processo de derivação, outros preferem considerá-los como elementos de composição.

No compêndio de *Gramática histórica portuguesa*, José Joaquim Nunes (1960, p. 338-392) sustenta a idéia de que se pode efetuar a composição de três modos: por prefixação, por justaposição e por aglutinação.

Na *Gramática da língua portuguesa* de Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina M. da Luz (1980, p. 274), no subtítulo “Composição”, elas assinalam que os compostos formados por uma preposição e um nome ou verbo têm sua origem em locuções, que, com o tempo, mudaram de valor gramatical e, como exemplo, elas citam *ultramar*, em que o prefixo **ultra-**, proveniente da preposição latina **ultra**, passou por um processo de enfraquecimento na passagem do latim para o português, iniciando, nessa última língua, um processo de lexicalização.

Ao estudar a formação de palavras na língua portuguesa, Celso Cunha (1980) propõe que se deixe de lado a controvérsia entre linguistas contemporâneos sobre a área à qual efetivamente pertence esse fenômeno lingüístico, à morfologia, ao léxico, à semântica ou à sintaxe. Segundo esse autor, um conjunto de processos morfossintáticos permite a criação de unidades novas, com base em morfemas lexicais. Desse modo, para formar palavras, utilizam-se afixos derivacionais ou procedimentos de composição.

Celso Cunha (1980, p. 83) considera que os prefixos são partículas mais independentes do que os sufixos, pois foram advindos, geralmente, de advérbios ou preposições que têm ou tiveram vida autônoma na língua. Podem-se distinguir prefixos sem existência própria (como **des-** em *desfazer* ou **re-** em *repor*) e prefixos com existência própria (**contra**; **entre**).

E. Bechara (2002) observa que a prefixação é um caso de derivação, mas admite também poder considerar a prefixação como um processo de composição, uma vez que os prefixos podem emprestar ao radical novo significado, expressando, assim, sua natureza de elemento mórfico.

Rocha Lima (1958) assinala que há dificuldade em indicar claramente a fronteira entre a composição e a derivação prefixal. Os prefixos, segundo Rocha Lima, são na sua maioria preposições e adjetivos extintos ou vivos.

Os gramáticos têm o mesmo ponto de vista quando observam que são menos freqüentes os derivados em que os prefixos se agregam a substantivos, e que o processo ocorre com o emprego de elementos livres que se juntam à raiz da palavra sem alterar sua forma.

3 FUNCIONALISMO

Inicia-se o estudo do funcionalismo com o círculo Lingüístico de Praga (1930), seguido da Escola Britânica, representada por M. A. K. Halliday (1970). Depois de 1970, essa corrente recebeu adeptos em muitos países, incorporando-lhe novos interesses.

Os primeiros funcionalistas dedicaram-se aos estudos fonológicos e só, a partir dos anos 70 do século XX, os estudiosos centraram suas pesquisas na sintaxe e na semântica.

Há funcionalistas direcionados ao estudo de um modelo abstrato de uso da língua, outros direcionados à língua tal como essa se manifesta em seu uso efetivo, alguns procuram estudar a variação translingüística, enquanto outros buscam a causa da variação intralingüística.

Há uma definição de funcionalismo que se baseia na idéia de que as expressões lingüísticas assumem funções nos contextos estruturais. Essa noção de **função** foi empregada por E. Benveniste (1995).

Os termos **função** e **funcional** são empregados de maneira diferentes – função é empregada pelos seguidores dessa Escola no sentido de ‘tarefas’ desempenhadas pela linguagem ou seus componentes ou ‘propósito’; já funcional é empregado, às vezes, com o sentido muito vago.

Para Garvin (apud NEVES, 1996), a **função** pode representar as relações entre uma forma e outra (função interna); entre uma forma e seu significado (função semântica); ou ainda, entre o sistema de formas e seu contexto (função externa). O Funcionalismo não especifica as relações que serão seu objeto de estudo, porém privilegia a última função representativa da comunicação na situação social.

O exame da competência comunicativa é a finalidade primordial da teoria funcional. Logo, esse elemento simboliza um fator comum nos estudos dos funcionalistas, não importando os enfoques atribuídos, como o estudo de um modelo abstrato do uso da língua, conforme o uso efetivo.

O lingüista deve ser guiado pela pertinência comunicativa, com a íntegra observância dos segmentos do enunciado, efetivando a distinção entre os monemas e fonemas (MARTINET, 1994, apud POGGIO, 2002, p. 13).

O Funcionalismo tornou-se um dos mais sérios “interlocutores” da gramática gerativa dominante, daí certos termos do gerativismo serem, inicialmente, abordados pelos funcionalistas (ILARI, 1996, p. 39).

Na visão de M.A.K. Halliday, uma teoria funcional parte da investigação de como a língua é usada (apud GIVÓN, 1995, p. 2).

Para A. Martinet (1994, p. 13), numa visão anterior, é preciso partir da observação da comunicação na língua em sua primeira fase falada.

Segundo Neves (1996):

A gramática funcional considera a competência comunicativa, isto é, a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar estas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória.

Dessa maneira, a Gramática funcional tem como foco central o uso de expressões lingüísticas na interação verbal, considerando que a língua muda para satisfazer as necessidades humanas e organiza-se de um modo funcional.

Na Escola de Praga, os termos **função** e **funcional** são muito empregados, embora apresentem variações nos diversos domínios da linguagem e nos vários autores, acarretando dificuldades na sua interpretação. O termo **funcional** é utilizado em sentido mais vago e **função** no sentido de ‘tarefas’ desempenhadas pela linguagem ou seus componentes ou “propósitos” ao qual eles servem, distinguindo-se do sentido lógico-matemático, adotado L. Hjelmslev, em 1971, pela maioria dos lingüistas filiados a essa Escola.

No que se refere a M. A. K. Halliday (1970, apud GIVÓN, 1995, p. 2), uma teoria funcional parte da investigação de como a língua é usada, buscando descobrir seus propósitos e como os falantes são capazes de alcançá-los. Essa teoria busca também explicar a natureza da língua em termos funcionais, observando se a língua tem sido moldada pelo uso e como uma forma de língua é determinada pela função a que ela serve.

A Gramática funcional concentra-se na comunicação dos falantes, seu ponto de partida são as significações das expressões lingüísticas e procura investigar como essas

expressões se codificam gramaticalmente. As formas discursivas mais produtivas fazem-se através do processo de gramaticalização.

F. de Saussure é considerado como limite, quanto ao uso da língua. Ele observa a fase em que a língua foi entendida como expressão do pensamento, e a fase em que a língua foi entendida como comunicação. Sendo assim, F. de Saussure faz uma relação entre expressão e comunicação.

Desde a primeira Escola de Praga, a teoria da Gramática funcional preocupa-se com o uso das expressões lingüísticas em situação de comunicação, pois a expressão lingüística é considerada como intermediária com relação à interação do falante e à interpretação do destinatário.

Segundo a maioria dos lingüistas, para o estudo da linguagem oral, devem ser considerados os processos de criação lingüística documentados, não se restringindo apenas à descrição propriamente dita.

Na Gramática funcional, há integração da Sintaxe e da Semântica, em uma teoria pragmática.

O estudo da Gramática funcional toma três direções, a saber:

- Interface sintaxe/ semântica
- Interface sintaxe/ texto
- Interface sintaxe/ conversação

Na interface sintaxe/ semântica, os funcionalistas vêm desenvolvendo suas pesquisas a respeito da estrutura informacional da sentença, sobre a teoria dos protótipos, a teoria localista, teoria composicional dos sentidos, a referenciação, dêixis, foricidade, assim como a respeito das conjunções.

Quanto à interface sintaxe/ texto, os funcionalistas têm focalizado seus estudos nos seguintes tópicos: unidade discursiva, hierarquia tópica, planos do texto (definitude, indefinitude, fundo e figura), descontinuidade do texto, conectividade textual etc.

Outros ainda centram suas pesquisas na interface sintaxe/ conversação e, voltados para a análise da conversação, procuram estudar a unidade de construção de turnos, as

construções e os tipos de sentenças conversacionalmente motivadas.

Preferiu-se centrar esta pesquisa na **interface sintaxe/ semântica**, em especial, na mudança lingüística, mais especificamente, no estudo da gramaticalização.

Os funcionalistas, ao trabalharem com o estudo da gramaticalização adotam também os princípios da teoria localista e da teoria dos protótipos abordadas sucintamente a seguir.

A **Teoria Localista**, desenvolvida desde a Escola de Praga, retomada a partir do fim da década de 60 pelos funcionalistas (Hjelmslev, 1935; Lyons, 1967, 1975, 1977; Anderson, 1971, 1973; Pottier, 1974) e atualmente pelos cognitivistas (Lakoff e Johnson, 1980; Lakoff, 1990; Heine, Claudi e Hünemeyer, 1991; Svorou, 1993, Langacker, 1999), postula que as expressões mais abstratas derivam das menos abstratas e que as expressões espaciais são mais básicas do que as temporais. Uma vez que o sentido espacial é menos abstrato, o temporal advém do anterior, irradiando, a seguir, para sentidos cada vez mais abstratos.

O localismo se baseia na relação homem e espaço, ou seja, o espaço que o homem ocupa no mundo. O ser humano é o elemento mais relevante do centro dêitico, isto é, a intersecção de três dimensões que representam o QUEM, o ONDE e o QUANDO de um evento lingüístico. O homem, em suas interações diárias, localiza-se no espaço e no tempo. O AQUI e o AGORA são fundamentais para o entendimento do conhecimento do mundo, pois o homem é situado (AQUI) e datado (AGORA), ou seja, a pessoa está em determinado lugar em determinado tempo. Dessa forma, AQUI e AGORA são expressões dêiticas que se fundamentam primariamente na pessoa que fala, como pessoa do discurso, no seu corpo humano, que pode ainda ser subdividido em sua parte interna (dentro) e sua parte externa (fora): em geral, cada entidade (ser humano, coisas, animais) pode ser vista como tendo regiões internas ou externas. AQUI significa dizer ‘perto de mim’, então, é uma localização relativa, imprecisa e com baixo grau de especificidade, porque não se sabe a localização exata do falante. O grau de explicitação para localizar algo vai depender da intenção do falante, da situação do ouvinte, do contexto comunicativo, além do tipo de interações lingüísticas que ele mantém. Em suma, depende da necessidade de localizar a entidade. A codificação lingüística de relações espaciais não deve ser extensa, pois é preciso economia para evitar as redundâncias.

Segundo G. Lakoff e M. Johnson (1980, p. 14), as oposições polares que remetem a espaço são naturalmente físicas, podendo variar de acordo com as diversas culturas. A estrutura dos conceitos espaciais emerge da experiência espacial constante do homem, da sua interação com o ambiente físico. Assim, *aqui/ lá, em cima/ embaixo, por dentro/ de fora, frente/ costas* são expressões básicas, o que significa dizer que as outras entidades são localizadas a partir delas. Vários conceitos metafóricos podem surgir baseados nessa experiência. Correlações sistemáticas com a nossa experiência fazem com que um conceito seja parcialmente estruturado por uma metáfora, podendo ser estendido por determinados meios. Conforme esses autores, experiências básicas referentes aos domínios espacial, social e emocional são conceptualizadas de forma diferente.

Assim, o tempo é conceptualizado em termos de espaço. A metáfora TEMPO É ESPAÇO, proposta por G. Lakoff e M. Johnson (1980), fundamenta o uso de expressões espaciais com sentido temporal. W. Meyer-Lübke (apud LAKOFF; JOHNSON, 1980) afirma que apesar de as expressões espaciais serem mais básicas e as de tempo figuradas com estreita ligação com as de espaço, as relações de tempo são muito mais simples e menos variadas que as de lugar. Distingue-se a indicação de tempo absoluto da indicação relativa, devendo-se considerar no primeiro caso o momento e a duração, enquanto que no segundo, a distinção é entre o que precede e o que segue, e se assinala que não há outra categoria possível. No caso da expressão da simultaneidade, que estaria incluída na relação de tempo relativo, as línguas românicas não possuem um meio especial para expressar essa nuance de sentido, recorrendo à construção que marca a duração.

De acordo com S. Svorou (1993, p. 238), em sua pesquisa baseada nessa teoria, observa que as línguas se assemelham no modo como codificam relações espaciais e a motivação para as semelhanças encontra-se na forma com que os seres humanos experimentam o mundo, o que depende da sua configuração física e do seu aparato neuro-fisiológico, assim como das culturas em que eles estão inseridos.

Essa autora ressalta que, atualmente, as teorias da linguagem e do significado são contrárias à visão objetivista da teoria semântica, já que antes o fator humano não era levado em consideração (1993, p. 3). O que ocorre com os novos estudos é que o ser humano é posto como o início e o principal elemento, pois é dele que as demais noções irão surgir. Assim, o *locus* das situações juntamente com os participantes e suas características,

e o tempo em que essas situações ocorrem vão constituir as três dimensões, que serão necessárias para a descrição dos episódios. O ser humano, no ato conceptual de localizar um objeto, utiliza outros objetos, que estão na proximidade ou vizinhança do primeiro, de um modo relativístico, sendo essa localização detectável em um nível psico-fisiológico e descrita em um nível lingüístico. E mesmo quando não há assimetria aparente entre a entidade a ser localizada e a entidade referente, o que será levado em consideração é a localização de um observador.

L. Talmy (1983, apud SVOROU, 1993, p. 9), com a finalidade de descrever a relação assimétrica entre entidades em uma situação espacial, criou termos como “figura” (o objeto a ser localizado) e “fundo” (a referência do objeto). Alguns lingüistas também sugerem outros termos: “locans” e “locatum”, “trajector” e “landmark”, “relans” e “relatum” etc. Os termos “trajector” (TR) e “landmark” (LM) citados acima foram sugeridos por R. Langacker, em 1986, e adotados por S. Svorou, em 1993, significando, respectivamente, ‘a entidade a ser localizada’ e ‘a entidade relacionada com a localização do trajector’, isto é, ‘o ponto de referência’.

Outra noção que é considerada fundamental nesse estudo é a de região, uma vez que incorpora o conhecimento do caráter físico e funcional de entidades, determinando a descrição lingüística das relações espaciais. Essa noção é motivada pelo uso lingüístico. Dessa forma, alguns *containers* de forma côncava (ex.: caixa, taça, cesta etc.) têm uma região interior, enquanto que outras entidades, tais como quadros, árvores, montanhas e também pessoas, têm região exterior, pois seu “espaço de uso” é externo e em torno delas. Ainda existem entidades que não têm regiões (ex.: campos, continentes e países), pois elas próprias são regiões.

Quanto aos limites físicos dessas entidades, são considerados aqueles que procedem a uma interação típica com pessoas, porque essas entidades contêm as pessoas e suas interações normais. Assim, cidades, lagos, edifícios, salas etc. podem ser estabelecidas como sendo regiões, tendo regiões exteriores ou tendo região interior e funcionando como *containers*, tudo isso devido às suas características físicas e fundamentais.

A noção de região está intimamente ligada à noção de *reference frame* (RF), que é fundamental em muitas teorias de relações espaciais com vistas às relações projetadas. Há dois tipos de RF: *inherent RF* e *deitic RF*, distinguidos pela maioria das teorias de acordo

com C. Tanz (1980, *apud* SVOROU, 1993, p. 21). A RF inerente é construída com referência aos valores inerentes das sub-regiões do LM (ex.: é fácil identificar em uma máquina de escrever a sua frente e as suas costas, sem relacioná-las com sua situação), enquanto que uma RF dêitica é construída ignorando qualquer valor de sub-região que existe do LM, porém dando ênfase aos valores situacionalmente determinados no contexto (ex.: em relação a uma árvore, a sua frente será o lado que está diante do observador e as costas será o lado que não está diante dele).

Segundo S. Svorou (1993, p. 31), as formas gramaticais da língua que expressam primariamente relações espaciais são consideradas *spatial grams*. Em 1986, J. Bybee (*apud* SVOROU, 1993, p. 216) usou o termo *gram* pela primeira vez, referindo-se a morfemas gramaticais de línguas. Sua forma abreviada reflete iconicamente o tamanho fonológico pequeno desses morfemas, além de representar que são elementos que passaram por uma evolução de unidades maiores. Assim, as línguas podem usar um número pequeno desses elementos e por não ser um grupo em que novos membros cada vez mais surgem da derivação de outros elementos, então se torna uma classe fechada, sendo elementos gramaticais em um maior ou menor grau. Esses elementos (aposições, afixos, flexões de casos e também advérbios espaciais) que se caracterizam pelo seu “conteúdo relacional” formam uma parte da gramática das línguas naturais.

As abordagens contrárias à visão objetivista do significado de *grams* espaciais demonstraram a polissemia de tais formas, mostrando a estrutura na relação entre sentidos, motivada por mecanismos gerais cognitivos e crenças culturais, além do esquema de imagens do protótipo (núcleo-periferia) para descrever os casos de polissemia.

Essa lingüista (1993, p. 33) ainda enfatiza que a relação do domínio semântico de espaço para tempo, causalidade, posse é uma questão que ela vai considerar em sua pesquisa.

Outros lingüistas cognitivistas também admitem que o espaço é a fonte dos conceitos temporais. B. Heine, U. Claudi e F. Hünemeyer (1991, p. 48) situam o espaço em um *continuum* que pode ser assim descrito: PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE.

Esses lingüistas (1991, p. 115-116) afirmam que alguns domínios que servem para desenvolver conceitos gramaticais são apresentados em termos das categorias acima

mencionadas. Objetos, atividades ou localizações expressam entidades mais abstratas ou servem para estruturar textos. Dentre elas, o ESPAÇO é uma categoria que desempenha um papel como fonte de gramaticalização.

Alguns autores, especialmente os localistas, admitem que os conceitos temporais provêm apenas do ESPAÇO. Porém, é questionável que a categoria gramatical de TEMPO tenha apenas essa única fonte. Verbos modais, por exemplo, que não envolvem ESPAÇO, servem de fonte para marcadores de futuro, comprovando assim que a possibilidade a não é imprescindível e a gramaticalização, nesse caso, teria de ser explicada em termos da possibilidade b ou c.

R. Poggio (1999; 2002) aplica essa teoria às preposições. Ela afirma que é bem adequado o uso de termos espaciais, como as preposições, para expressarem o tempo, uma vez que esse é, metaforicamente, conceitualizado em termos de espaço. Há uma tendência a conceptualizar o menos claramente delineado em termos do mais claramente delineado e os conceitos básicos da experiência espacial não são metafóricos.

B. Heine, U. Claudi e F. Hünemeyer (1991, p. 188) sugerem, como uma explicação provável para o fato de as formas espaciais serem consideradas como fontes primárias para as funções de caso, o seguinte: uma das funções de marcador de caso é estruturar textos no nível da sentença, então a estratégia mais evidente para esse procedimento é tratar os textos como um espaço unidimensional e, por conseguinte, conceptualizar as relações de caso em termos de relações espaciais.

As preposições, consideradas como elementos gramaticais, são usadas para expressar não só relações espaciais e temporais, mas outras relações não-espaciais.

No que diz respeito à **Teoria dos Protótipos**, segundo J. Taylor (1992, p. 38), a investigação dos protótipos decorre de uma abordagem proposta, inicialmente, pela teoria de Ludwig Wittgenstein, expressa na sua obra *Philosophical Investigations*, que é contrária à Teoria de Categorização Aristotélica Clássica. Essa teoria dominou, durante a maior parte do século XX, a Filosofia, a Psicologia e a Linguística, inclusive a chamada linguística autônoma, que é o Estruturalismo e o Gerativismo. De acordo com a teoria aristotélica, todas as coisas são caracterizadas pela essência, isto é, tudo que é imanente e que define a sua individualidade, ou pelos acidentes, que não são necessários e por isso se tornam irrelevantes para a determinação de uma entidade. O modelo clássico de categorização

estabelece que uma entidade pertence ou não a uma categoria, de acordo com o preenchimento de certas condições necessárias e suficientes. Necessárias, uma vez que esses traços não podem ser destruídos, pois são imprescindíveis para a definição do todo da categoria. Se um deles não existir em uma entidade, essa entidade não poderá ser considerada como membro da categoria. Suficientes, no sentido de que qualquer entidade que possua os traços definitórios passa a ser *ipso facto* membro da categoria. Dessa forma, os traços são binários, obedecendo à Lei da Contradição, que estabelece que uma coisa não pode possuir e ao mesmo tempo não possuir um mesmo traço, e a Lei do “Meio-Excluído”, que estabelece que uma coisa deve possuir um traço ou não o possuir (ele pode ter apenas um dos traços e o traço tem que estar presente ou ausente). Devido a tudo isso, decorre que as categorias teriam limites claros, não havendo casos ambíguos, pois um elemento pertenceria ou não a uma categoria.

Em relação ao trabalho de L. Wittgenstein (apud TAYLOR, 1992), trata-se do estudo da forma pela qual se pode definir a palavra **jogo**. Percebe-se que os vários membros dessa categoria não compartilham todos os atributos, assim como alguns membros não possuem praticamente nada em comum. Dessa forma, ele define os jogos como *semelhanças de família*, pois os membros de uma família apresentam características comuns, tais como, cor dos olhos, traços faciais, temperamentos, tipo de cabelo etc.

Em 1953, L. Wittgenstein também observa que não há limites fixos para a categoria de jogos, já que novos membros podem ser introduzidos em grande escala. Um exemplo desses novos membros são os *video games* surgidos nos anos 70 do século XX.

Já no que se refere à proposta atual, a categoria não é estruturada em termos de traços bem delimitados, mas antes por uma rede de similaridades, cujos limites são tênues. As entidades são caracterizadas a partir de seus atributos. Não há uma linha que mostre claramente a divisão entre membros [+ prototípicos] e [- prototípicos]. Os membros [+ prototípicos] de uma categoria compartilham mais atributos, enquanto os membros [- prototípicos] compartilham menos atributos, sendo, por isso, marginais. De acordo com J. Taylor, na Teoria dos Protótipos, o que existe são atributos associados tipicamente à determinada categoria.

Também, conforme os estudos de T. Givón (1986, p. 77-102), o centro de uma categoria é mais sólido, em oposição à margem, que é mais flexível. Dessa forma,

estruturas [+ prototípicas] seriam o centro da categoria, pois representam estruturas mais cristalizadas, que são cognitivamente e linguisticamente mais salientes. Já as [- prototípicas] estão à margem da categoria e, devido à sua flexibilidade, não há como descrevê-las completamente, pois um novo membro pode, a qualquer momento, ser incluído.

Experiências feitas por linguistas, como William Labov, psicólogos, Eleanor Rosch e antropólogos, Willett Kempton, realizadas desde a década de 70 do século XX, demonstraram que, para cada categoria, existem alguns membros mais centrais, considerados como prototípicos. Quando se solicita um exemplo de “pássaro”, verifica-se que as pessoas respondem, preferencialmente, “pardal” em lugar de “pingüim”, uma vez que esse último seria um exemplo mais periférico dessa categoria, por não se tratar de um pássaro por excelência. Isso cria um problema à abordagem da Teoria Clássica, que não explicaria tal questão.

J. Taylor (1992, p. 52) ressalta o resultado da pesquisa de E. Rosch, em 1973, segundo a qual as categorias como certas formas geométricas (círculo, quadrado e triângulo) e orientações espaciais (vertical e horizontal), além das cores focais, são mais salientes do que os desvios dessas formas e adquirem caráter prototípico. Para as demais categorias “artificiais” (porque são produtos decorrentes de nosso contexto cultural), como explicar que algumas delas adquiram um caráter prototípico? Alguns autores acreditam que a causa de tal caráter seria a frequência de uso. Na verdade, porém, ela deveria ser considerada mais como um *sintoma* do que uma causa para a prototipicidade desses membros.

Parece que a representação mental de um protótipo constitui-se apenas de um componente do conhecimento que uma pessoa possui de uma categoria (TAYLOR, 1992, p. 63).

G. Kleiber (apud HEINE POGGIO, 2006), analisando amplamente a Teoria dos Protótipos, em 1990, considera duas versões: a versão padrão e a versão ampliada, ressaltando que não há uma continuidade entre elas, e sim uma ruptura. Ele afirma que a denominação **versão ampliada** ou **versão polissêmica da teoria do protótipo** não aparece na literatura, pois a oposição entre essas duas versões não é reconhecida sob essa forma pelos adeptos da semântica do protótipo “revista”.

Essa ruptura pode ser demonstrada, pois, na versão ampliada, a noção de protótipo (ou de efeito prototípico) não corresponde à definição inicial do protótipo como melhor exemplo da categoria e a concepção categorial é diferente, pois a unidade lexical é que vai constituir o indicador de uma categoria, ressaltando que uma mesma palavra pode reagrupar vários sentidos diferentes.

Assim, na teoria da *semelhança de família* não existe uma figura central prototípica, mas um conjunto de referentes, tais como A, B, C, D, E, que estão unidos por relações de tipo associativo: AB, BC, CD, DE, estando a categorização justificada por laços de associação entre os diferentes exemplos e não por uma relação entre todos esses diferentes exemplos e um mesmo protótipo. Então, para que haja *semelhança de família* basta que cada membro da categoria divida pelo menos uma propriedade com um outro membro da categoria (GIVÓN, *apud* KLEIBER, 1990, p. 159-160). Isso vai diferir da *semelhança de família* da versão padrão, na qual havia uma necessidade de ter ao menos um traço em comum com o protótipo.

Desse modo, a versão ampliada é também conhecida como versão polissêmica do protótipo, enquanto que a versão padrão é a versão monossêmica.

Na versão ampliada, o protótipo está relacionado à noção de sentido primeiro ou emprego primeiro do qual derivam os outros, ou seja, nas duas versões, o protótipo aparece como a entidade central da categoria.

Na versão padrão, verifica-se uma extensão categorial dos exemplos prototípicos aos exemplos marginais, enquanto na versão ampliada, a extensão categorial ocorre do sentido básico para os sentidos derivados, sendo reguladas as extensões em ambas versões através de um processo metonímico.

A versão ampliada se torna a teoria da organização semântica dos lexemas polissêmicos, mostrando como um mesmo termo pode remeter a diferentes categorias, sem que seja necessário postular uma categoria comum que lembre essas diferentes categorias. A versão ampliada, quanto aos vocábulos polissêmicos, não é considerada uma teoria da categorização, portanto uma teoria semântica lexical que descreva as relações entre as diferentes acepções, ou seja, entre as diferentes categorias de uma mesma palavra.

O modelo revisto reconhece um sentido básico, do qual derivam os outros e adianta explicações sobre os laços entre os diferentes sentidos relacionados.

Neste trabalho, leva-se em conta a versão padrão da Teoria dos Protótipos, procurando-se verificar, nos elementos gramaticais estudados, o sentido prototípico que se mantém através dos séculos.

Finalmente, convém ressaltar que a pesquisa sobre a mudança lingüística precisa assumir um caráter transdisciplinar, pois individualmente não se pode desenvolver uma argumentação competente sobre os subsistemas do Léxico, da Semântica, do Discurso e da Gramática. Particularmente, com respeito à gramaticalização, será conveniente negar a centralidade desse processo, incluindo nas pesquisas considerações sobre a lexicalização, a semanticização e a discursivização.

4 TEORIA DA GRAMATICALIZAÇÃO

O processo de gramaticalização tem sido um dos temas mais discutidos nos últimos tempos e o estudo da mudança lingüística, aprofundado, à medida que atinge a gramática.

Os estudiosos (funcionalistas) estão cada vez mais empenhados em pesquisar as mudanças lingüísticas tanto no exterior, como: (HOPPER; HEINE, CLAUDI, HÜNNEMEYER; TRAUGOTT, LEHMANN, entre outros), quanto no Brasil (CASTILHO, BRAGA, VOTRE e outros).

A. de Castilho (1997), em uma das suas publicações sobre o tema propõe com base nos estudos literários atuais, um plano sistemático a respeito de processos de criação lingüística.

Conforme Kurylowicz (1965, apud POGGIO, 2002, p. 65), verifica-se, na gramaticalização, uma ampliação dos limites de um morfema com a passagem do item do léxico para a gramática, isto é, de uma unidade menos gramatical para uma mais gramatical. No momento em que o item lexical se gramaticaliza, ele sofre alterações, podendo perder substância semântica e fonológica.

Na década de 70, o enfoque dado à gramaticalização pelos lingüistas surge como uma forma de mostrar a evolução de uma língua e seu processo histórico, promovendo não apenas um *continuum* entre os padrões anteriores de uso lingüístico e as formas lingüísticas atuais, como também uma reanálise dos moldes do discurso para os moldes gramaticais. Nessa época, há a inserção do discurso pragmático como fator primordial para a compreensão da estrutura lingüística. As análises sintáticas funcionais têm como ponto de origem a semântica e o discurso. Vale ressaltar que a gramaticalização ocorre através da cristalização das formas discursivas mais evidenciadas no uso lingüístico.

Assim, na história dos estudos sobre gramaticalização, destacam-se vários grupos de pesquisadores: (i) aqueles que trabalham com tipologia lingüística, como os africanistas Heine, Claudi e Hünemeyer (1991); (ii) aqueles que focalizam a mudança lingüística, como Meillet, Émile Benveniste, Kurylowicz, entre outros; e (iii) aqueles que estudam a

sintaxe conversacional, como Givón, que acrescentou o módulo do discurso nos estudos de gramaticalização.

Há ainda outras abordagens que servem de parâmetros para o estudo da gramaticalização, como a proposta para a mudança semântica de Willet (apud HEINE, CLAUDI, HÜNNEMEYER, 1991), a Teoria da gramática emergente de Hopper (1991), o estudo das implicaturas, da metáfora e da metonímia, apontadas por Traugott e König (apud HEINE, CLAUDI, HÜNNEMEYER, 1991).

4.1 CONCEITOS DE GRAMATICALIZAÇÃO

O primeiro a empregar o termo **gramaticalização** foi Antoine Meillet (1912), que, dando continuidade à tradição indoeuropeísta, considera a gramaticalização como um dos dois principais processos de mudança gramatical.

Inicialmente, A. Meillet ([1915], 1948, p. 31) propôs a existência de três classes de palavras, as palavras principais, as acessórias e as gramaticais, indicando que entre elas há uma transição que ocorre gradativamente. Esse processo ele o chamou de gramaticalização, entendida como a “atribuição de um caráter gramatical a um termo outrora autônomo”.

Essa transição diz respeito ao esvaziamento tanto do sentido quanto da forma de uma palavra gramatical, podendo juntar-se a uma palavra principal para atribuir a essa um papel gramatical que não dispunha previamente. Com base nesses princípios, observa-se que se entende por gramaticalização não apenas um processo diacrônico, isto é, a derivação de usos acessórios e gramaticais de um uso principal, mas também um processo sincrônico, ou seja, a derivação de usos assim constituídos num mesmo recorte de tempo.

Para A. Meillet (1948), a mudança gramatical refere-se também à ordem das palavras na sentença. A passagem da ordem livre do latim para a ordem mais fixa no português causou a mudança do valor da ordem enfática para o valor gramatical nas línguas românicas.

No que se refere à gramaticalização e à lexicalização, Meillet (1948) assinala que ambos são sinônimos de etimologia.

Segundo A de Castilho (1997), a gramaticalização refere-se ao processo de criação e alterações da estrutura fonológica das palavras (fonologização), à criação e alterações que afetam a estrutura da palavra, seu radical e seus afixos (morfologização) e à criação e alterações que afetam a estrutura da sentença, sua reanálise e seus arranjos sintagmáticos e funcionais (sintaticização).

A Gramática é o subsistema resultante do processo de gramaticalização, sendo constituído pelas estruturas em processo de cristalização, dispostas em três subsistemas: a Fonologia, estudo das estruturas fônicas, a Morfologia, estudo da estrutura da palavra, e a Sintaxe, estudo das estruturas sintagmática e funcional da sentença.

Há uma diversidade de perspectivas sobre a gramaticalização, nos diferentes períodos dos estudos sobre esse processo:

1º grupo: Trabalha com o léxico e a gramática (até 1970).

Nesse grupo, a gramaticalização é vista como um processo através do qual a unidade léxica assume função gramatical.

Segundo R. Poggio (2002), a gramaticalização refere-se à amplitude de limites de um morfema, ao avançar do léxico para a gramática ou de formante derivativo para formante flexional.

2º grupo: Opera com o discurso e a gramática.

O estudo da gramaticalização considera não somente a reanálise do material léxico para o gramatical, mas acrescenta a reanálise dos itens do discurso para os moldes gramaticais. Nesse período, o discurso pragmático foi considerado como parâmetro maior para o entendimento de estruturas sintáticas e categorias gramaticais, em particular.

T. Givón (1975) dá um passo adiante no desenvolvimento das idéias de G. Sankoff. Ele ordenou as formas em ciclo, representando o fluxo diacrônico dos mecanismos lingüísticos:

Discurso – Sintaxe – Morfologia – Morfofonêmica - Zero.

3º grupo: cognivistas (1980)

A linha cognitivista é a mais recente linha de pesquisa e é principalmente desenvolvida por E. Sweetser (1988), Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), S. Svorou (1993), entre outros. Para esses lingüistas, a gramaticalização é um fenômeno externo à estrutura da língua, pertencendo ao domínio cognitivo.

Para Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991), o processo de gramaticalização pode exprimir uma idéia em lugar de outra, sendo representado da seguinte forma:

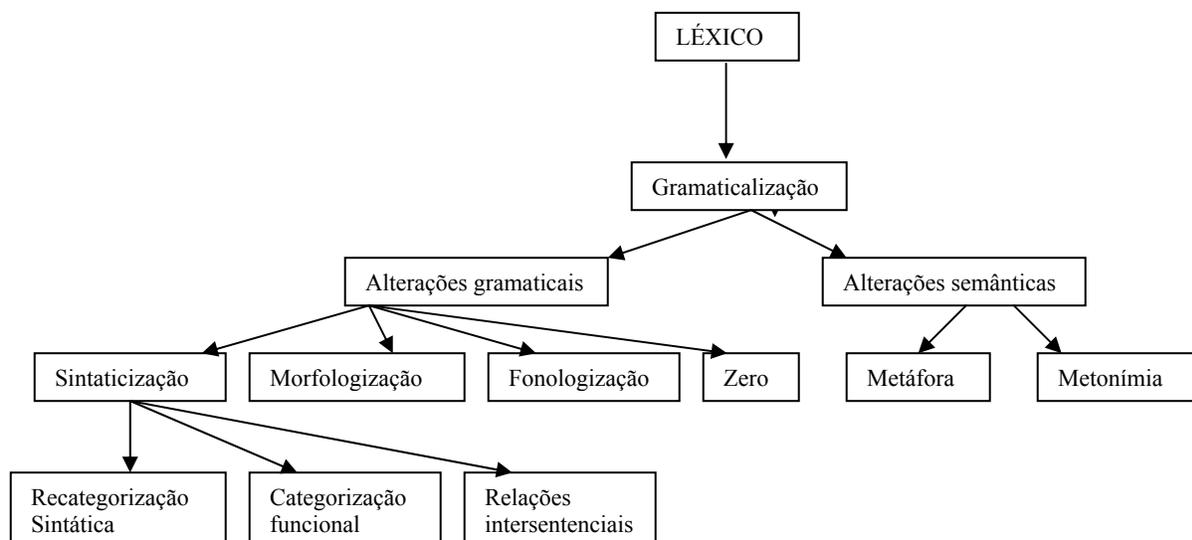
PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE.

S. Svorou (1993) observa que é necessário investigar a história das formas gramaticais, não por questões lingüísticas, mas porque ela reflete aspectos profundos da interação social, e aspectos da construção cognitiva dos seres humanos.

4.2 PROCESSOS DE GRAMATICALIZAÇÃO

Os processos de gramaticalização ocorrem gradativamente e através deles uma forma ou função se transforma em outra, ou encontra-se em variação livre.

Segundo A. de Castilho (1997), o processo de gramaticalização constitui-se em estágios. Nesse processo, ao mesmo tempo em que ocorrem as alterações gramaticais, os itens lexicais sofrem alterações semânticas. Os estágios do processo de gramaticalização podem ser assim resumidos:



Para A. de Castilho (1997), a Sintaticização e a Recategorização são consideradas como alterações gramaticais.

“A sintaticização de um item lexical é a sua recategorização funcional e relações intersentenciais”.

A recategorização sintática ocorre quando há mudança de um item lexical de uma classe para outra.

Continuum proposto para a recategorização:

Categoria maior [Nome, Verbo] > Categoria mediana [Adjetivo, Advérbio] > Categoria menor [Preposição, Conjunção, Pronome, Verbo auxiliar] (HOPPER, TRAUGOTT, 1993).

A recategorização, por fugir aos processos denominados pela gramática tradicional de composição e derivação, é também chamada derivação imprópria (POGGIO, 2002, p. 69).

A ordem em que pode ocorrer a gramaticalização de uma categoria em preposição é a seguinte:

N relacional > Preposição secundária > Preposição primária > Clítico > Afixo.

N > Preposição

V > Preposição

Adv > Preposição

Num. Ord. > Preposição

A categorização funcional refere-se à atribuição de propriedades funcionais a determinado item.

Como relações intersentenciais, no português, tem-se o exemplo de relações entre coordenadas explicativas e as subordinadas causais.

Já o processo de morfologização aborda a perda de função e produtividade de morfemas. Refere-se a afixos flexionais ou derivacionais.

No processo de fonologização, dá-se a fusão de formas livres com outras e a mudança para formas presas.

É no estágio zero que finaliza a gramaticalização de um morfema.

As alterações sofridas em composições textuais, tanto em sua base como na

alteração de sentidos, são chamadas dessemanticização, *bleaching*, *fading*. Não é aconselhado o uso desses termos, uma vez que, no tocante às alterações semânticas, os itens perdem determinados sentidos, mas adquirem novos.

Segundo A. de Castilho (1997, p. 47), não se sabe o momento exato em que ocorrem as mudanças sintáticas e semânticas, ficando a seguinte questão: a mudança sintática causa a mudança semântica, ou a semântica é uma fase de sintática?

Para R. Poggio (2002, p. 71), no processo de gramaticalização os itens são polissêmicos, mostrando várias acepções que se interrelacionam. No *continuum* indicado para os estágios de gramaticalização, há pontos centrais, não discretos e, entre esses, destacam-se as relações de metáfora e de metonímia.

A alteração que ocorre por influências sintáticas é denominada metonímia.

A construção de conjunções sustenta-se em alterações metonímicas, como por exemplo: o advérbio de inclusão *magis* > conjunção adversativa *mas*, em contextos negativos (CASTILHO, 1997, p. 49).

4.3 PRINCÍPIOS DE GRAMATICALIZAÇÃO

C. Lehmann (1982) aponta cinco princípios de gramaticalização:

Paradigmatização: interação de construções sintáticas como formas periféricas.

Obrigatoriedade: a escolha entre os membros do paradigma submete-se a regras gramaticais.

Condensação: durante o processo de gramaticalização dos signos, os constituintes que se podem combinar tornam-se menos complexos.

Coalescência: união de partes; vai da justaposição para a alternância simbólica.

Fixação: na gramaticalização dos elementos, esses posicionam-se primeiro na sintaxe e depois na morfologia, como preenchedor de espaços gramaticais.

P. J. Hopper (1991, p. 24) considera a proposta de C. Lehmann como a gramaticalização apenas em início de seus estágios e aponta cinco princípios de

gramaticalização:

- Estratificação: novas camadas emergem num domínio funcional amplo; há convivência entre a base e a conseqüência da variação lingüística; quando uma forma se gramaticaliza passa a coexistir com outras formas similares. Assim, há formas diferentes para codificar o mesmo significado.
- Divergência: relaciona-se à bifurcação de um item; quando uma forma lexical se gramaticaliza em clítico ou afixo, a original continua autônoma, sofrendo mudanças como as demais formas.
- Especificação: ocorrendo a gramaticalização, dá-se o estreitamento da variedade de escolhas formais com nuances semânticas diferentes, ocorrendo, dessa forma, um número menor com formas semânticas gerais, o que possibilita assim que um item se torne obrigatório.
- Persistência: no processo de gramaticalização de um item, ele mantém traços de significado lexical na palavra nova; conservando, assim, vestígios do significado original.
- Descategorização: as formas podem sofrer alterações ou até mesmo neutralizar as marcas morfológicas e propriedades sintáticas das categorias plenas N e V e assumir características das categorias secundárias (adjetivo, particípio, preposição etc.). Há dois tipos de perda, uma de marcadores opcionais e outra da autonomia discursiva, isto é, diminuição do estatuto categorial de itens gramaticalizados.

Segundo Poggio (2002), A. de Castilho designa quatro princípios que podem dar conta dos processos e dos estágios de gramaticalização, seguindo a seguinte ordem:

- Paradigmatização e analogia: ambos operam no eixo paradigmático.

Além de ser aplicada à mudança fonética, há suposições de que também pode afetar o sistema gramatical.

- Sintagmatização e reanálise: entende-se a reanálise como mudança de percepção na formação da língua, no eixo sintagmático. A reanálise pode vir a sofrer conseqüências futuras em decorrência do surgimento de uma nova categoria gramatical. Como exemplo desse processo, A. de Castilho (1997) cita a formação do futuro romance e o surgimento do pretérito perfeito românico.

- Continuidade e gradualismo: segundo Poggio (2002), J. Kurylowicz assinala que a gramaticalização tende à inovação da estrutura das línguas.

E. Sapir, em 1921 e W. Labov, em 1995 (apud CASTILHO, 1997), afirmam que a variação é o primeiro passo para a mudança sintática. Outros lingüistas invertem essa ordem, como por exemplo, F. Lichtemberg. Devido ao caráter cíclico da gramaticalização, afirma-se que a variação é ponto de partida e de chegada da mudança lingüística.

- Unidirecionalidade: A. de Castilho (1997) afirma que a gramaticalização é unidirecional, desenvolvendo-se apenas da esquerda para a direita. Também B. Heine, U. Claudi, F. Hünemeyer e outros reconhecem o princípio de unidirecionalidade, mantendo seu ponto de vista de que as estruturas menos gramaticais podem tornar-se mais gramaticais, nunca ao contrário, uma vez que a desgramaticalização e a regramaticalização acontecem em número insignificante.

5 AS PREPOSIÇÕES LATINAS

5.1 AS PREPOSIÇÕES *EX*, *AB* E *DE* NA EXPRESSÃO DO AFASTAMENTO

Para a expressão do conceito de AFASTAMENTO, esta pesquisa está centrada nas preposições **ex**, **ab** e **de** que deram origem aos prefixos **ex-**, **de-** e **ab-**.

5.1.1 A preposição *ex*

Segundo W. Lindsay (1937, p. 146), a preposição **ex** provém do indo-europeu **eks**, constituída de **ek** mais a partícula **se**.

De acordo com L. Rubio (1983, p. 177-178), embora as preposições **de**, **ex** e **ab** expressassem o ‘afastamento’, **ex** e **ab** acrescentam um traço peculiar a essa noção: **ex** denota ‘afastamento a partir do interior’ e **ab**, ‘a partir do exterior’ do objeto. Cícero, em seu discurso *Pro Caecina*, joga com as diferenças que opõem essas preposições entre si:

Si qui meam familiam de meo fundo deiecerit, ex eo me loco deiecerit; si qui mihi praesto fuerit cum armatis hominibus extra meum fundum et me introire prohibuerit, non ex eo, sed ab eo loco me deiecerit...

(‘Se alguém expulsasse minha família **de** minha terra, me expulsaria a mim mesmo **dela**; se alguém se apresentasse diante de mim com homens armados, fora de minha terra e me proibisse de entrar (nela), não me expulsaria **do interior**, mas **das proximidades** desse lugar...’).

Observa-se que Cícero inicia seu discurso com o termo mais geral **de** (*de meo fundo*) e estabelece a oposição **ex/ab** em termos precisos e opostos ao impreciso **de**.

Segundo M. Said Ali (1964, p. 204), **de** é a preposição latina empregada com mais frequência e para diversos fins. Inicialmente, **de** exprimia ‘afastamento de cima para

baixo’, diferente de **ab** que significava ‘afastamento no sentido horizontal’. **De** começou a confundir-se com **ab** e essa última desapareceu. Para expressar o ‘movimento de dentro para fora’, o latim usava a preposição **ex**. **De** tornou-se equivalente a **ex**, e essa veio a desaparecer. Portanto, **de** passou a exprimir o sentido de ‘afastamento’ e de ‘procedência’.

J. P. Machado (1977, s.v. **de**) assinala que a preposição **de** é mais plena e tem a vantagem sobre **ab** e **ex**, devido ao fato de iniciar-se por consoante. Desse modo, **de** acabou por eliminar as duas outras preposições que com ela competiam, como se pode notar nas concorrências entre **ab**, **ex** e **de**, documentadas em textos do latim tardio.

Em resumo, a preposição **de**, em português, passou a assumir as três noções do latim representadas pelas preposições **ab**, **ex** e **de** e mais a idéia de posse encontrada no seu sentido de base, que se exprime pela relação de subordinação de um substantivo a outro.

Na versão latina dos *Diálogos de São Gregório*, há variação no uso das preposições **ab**, **ex** e **de**, não se percebendo aquela rigidez no emprego de cada uma delas, conforme foi apontado por L. Rubio (1983). Isso evidencia o início da mudança, quando as formas coexistem, havendo interferência entre seus campos semânticos.

No exemplo abaixo dos *Diálogos de São Gregório*, a preposição **ex** foi empregada, na sua acepção original de ‘afastamento do interior de’:

(12) [...] *pro iniuria quam ingresserat recedere eum velle ex monasterio putabat* (1, 24, 9-11)

(‘[...] cuidou-se ca se queria ir **do** moesteiro polo torto que lhi avia feito (1, 5, 9).

Entretanto, muitas vezes, na referida obra, empregou-se a preposição latina **de**, para expressar o ‘afastamento do interior de’ (em lugar de **ex**), conforme se pode observar no exemplo abaixo:

[...] *antiquum hostem de obsessio homine protinus expulit* (2, 104, 3)

(‘[...] e logo o enmiigo saiu **do** seu corpo (2, 16, 4)’)

Em latim clássico, a forma **ex** está registrada como prefixo em inúmeras vocábulos, como: *exeo*, *exarmo*, *exaltare*, *excurrere*, *exhaurire*, *explodere*, *exquisitus*, *ex-abruptus*, *ex-officio* etc. Na passagem para o português, deu-se o desaparecimento da preposição **ex** e sua manutenção como prefixo, como nos exemplos: **exaltar**, **exaurir**, **explodir** e outros.

No latim tardio, acentuou-se o uso de *ex* para a formação de compostos, como *ex-consul*. O português seguiu o modelo latino *ex* mais substantivo e/ou adjetivo para indicar ‘estado’, ‘profissão’, ‘emprego’, como nos exemplos: *ex-tuberculoso*, *ex-catedrático*, *ex-presidente* etc.

5.1.2 A preposição *ab*

A preposição **ab**, à semelhança da preposição grega ‘*απο*’ primeiro para denotar o ‘ponto de partida’, ‘afastamento de um lugar’, com idéia de movimento, donde equivale em vernáculo a **de**, **do lado de**, **desde**. Cediços são os exemplos encontrados nos autores do latim clássico, como Júlio César e Cícero (*apud* FARIA, 1958).

1º) Observe-se:

A signo Vortumni in Circum Maximum venire. (Cic., *Verr.*, 1, 154)

(‘Vir da estátua de Vertumno ao Circo Máximo’);

Ab oppido castra movere. (Cés., *B. Civ.*, 3, 80, 7)

(‘Partindo da cidade levantar acampamento’);

(...) *a decumana porta* (Cés., *B. G.*, 6, 37, 1)

(‘(...) do lado da porta decumana’)

2º) ‘Desde’, ‘logo depois’ (sentido temporal):

(...) *a parvulis* (Cés., *B.G.*, 6, 21, 3)

(‘desde pequeninos’)

(...) *ab decimae legionis cohortatione profectus* (Cés., *B.G.*, 2, 25, 1)

(‘(...) tendo partido logo depois de ter arengado a décima legião’).

3º) Destes sentidos concretos, passou a outros figurados: indicando a origem, procedência ou descendência etc.: ‘por’, ‘quanto a’, ‘em favor de’ etc.:

(...) *ab reodicere* (Cic., *Clu.*, 93)

(‘(...) falar em favor do réu’)

(...) *a materno genere* (Cic., *Sul.*, 25)

(‘(...) do lado materno’)

(...) *a pecúnia* (Cic., *At.*, 7, 15, 3)

(‘(...) quanto ao dinheiro’)

5.1.3 A preposição *de*

Segundo E. Faria (1958, p. 264), a preposição latina **de** é uma antiga forma causal fossilizada como advérbio, com a característica de servir ao mesmo tempo como preposição e como preverbo.

A preposição latina **de** é construída com ablativo, e, como **ab** e **ex**, marca a origem; em **de**, essa origem é desenvolvida com idéia acessória de ‘movimento do alto para baixo’, nuance que se conserva em certos compostos, como: **deorsum**, **deicere**, **descendere** (FARIA, 1958, p.264). Ex:

Lucretius et de muro se deiecerunt (CÉS., B. CIU, 1, 18, 3).

(‘Lucrécio e Átio lançaram-se do alto do muro’);

[...] *a caelo ad terram, de terra ad sidera mundi* (LUCR., 1, 788).

(‘[...] do céu para a terra, da terra para as estrelas de todo mundo’).

Segundo J. P. Machado (1977, s. v. **de**), **de** era a preposição latina de mais vitalidade, tanto na significação de base, como nas acepções metafóricas. Já no latim, **de** era empregada para unir dois substantivos, uso que correspondia antes ao genitivo.

Em resumo, a preposição **de**, em português, passou a assumir as três noções do latim representadas pelas preposições **ab**, **ex** e **de** e mais a idéia de posse encontrada no seu sentido de base, que exprime pela relação de subordinação de um substantivo a outro. Assim, algumas acepções, conservadas da sua origem latina, estão presentes nos *Diálogos de São Gregório*:

- indicando ‘espaço’: ‘origem do movimento de cima para baixo’:

e saindo-se da casa, caeu huu seixo do teito da casa e deu-lhi na cabeça (1,18, 13).

(exeadem domo percepisset [...] sed saxun ingens súbito **de** tecto cecidit eique in verticem venit (1, 54, 1-3)).

- denotando ‘tempo afastamento’, que equivale ao emprego de **ex**, em latim:

*E **daquele** dia em diante ainda que me queira calar de falar de Deus non posso* (1, 6, 9).

(ataque **ex** illo die etiam cum voluero, de Deo tacere non possum (1,32, 8-9)).

De natureza multivariada, a preposição latina **de** tem emprego freqüente entre os maiores autores clássicos, conforme se depreende das informações contidas no *Dicionário Latino-portuguez* de Quicherat (apud SARAIVA, 1924):

1º) De cima de, da parte superior de;

*V.g.: **De** summis arcibus* (Ov.) (‘do alto da cidadela’)

*Tactus **de** coelo* (Cat.). (‘tocado do céu’, isto é, ‘fulminado’)

***De** tecto decidere.* (‘Cair do telhado’)

2º) Procedente de, vindo de;

*V.g.: **De** vita decedere.* (Cíc.) (‘Sair da vida’, isto é, ‘morrer’)

***De** scripto dicere.* (Cíc.) (‘Ler um discurso’)

***De** digito annulum detrahere.* (Ter.) (‘Tirar o anel do dedo’).

3º) Descendente de, saído de;

*V.g.: **Homo de** schola eruditus.* (Cíc.) (‘Um homem instruído na escola’)

***Priami de** gente.* (Virg.) (‘Da família de Príamo’)

***Lybica de** rupe leones.* (Ov.) (‘Leões dos rochedos da África’).

4º) Em, sobre, no alto de, debaixo de;

*V.g.: **Clamare de** via.* (Ter.) (‘Gritar da rua’)

***Pandere de** collo alicujus.* (Ov.) (‘Estou pendurado ao pescoço de alguém’)

***Citari de** tribunali.* (Cíc.) (‘Ser chamado a um tribunal’).

5°) Depois de, em seguida a:

*V.g.: Somnus **de** prandio.* (Plauto) ('Cochilo após a refeição')

*Priami **de** sanguine.* (Virg.) ('Depois da morte de Príamo')

*Proferre diem **de** die.* (T. Lív.) ('Diferir de dia para dia')

6°) No momento de, durante.

*V.g.: **De** nocte.* (Ter.) ('Durante a noite')

***De** mense decembri.* (Cíc.) ('No mês de dezembro')

***De** principio.*

7°)Dentre, no meio de;

*V.g.: Unus **de** illis.* (Cíc.) ('Um dentre eles')tundit.

*Poeta **de** populo.* (Cíc.) ('Poeta do povo')

*Pars **de** nostris bonis.* (Ter.) ('Parcela dos meus bens')

8°) A custa de, com.

*V.g.: **De** publico.* (T. Lív.) ('À custa do tesouro')

***De** meo.* (Ter.) ('À minha custa')

***De** te largitor.* (Ter.) ('Sê liberal à tua custa')

9°) De, feito de, composto de;

*V.g.: Signum **de** marmore.* (Ov.) ('Estátua de mármore')

*Aetas **de** ferro.* (Ov.) ('Idade de ferro')

***De** flore corona.* (Tib.) ('Coroa de flores')

10°) Por causa de, por amor de, por;

*V.g.: **De** nihilo irasci.* (Plaut.) ('Zangar-se por nada')

*Fundere sanguinem **de** rege.* (Curt.) ('Morrer pelo rei')

***De** labore pectus.* (Plaut.) ('Bate no peito de dor')

11º) A respeito de, acerca de, quanto a;

V.g.: *De me autem.* (Cíc.) ('Pelo que me diz respeito')

De natura rerum (Luc.) ('Acerca da natureza das coisas')

Legati de pace. (Cíc.) ('Enviados para tratarem da paz')

12º) Segundo, conforme, de acordo com;

V.g.: *De more.* (Virg.) ('Segundo o uso')

De consilii sententia. (Cíc.) ('Conforme o parecer do conselho')

De mea voluntate. (Cíc.) ('Segundo minha virtude')

5.2 A PREPOSIÇÃO *AD* NA EXPRESSÃO DA APROXIMAÇÃO

Inicialmente, usava-se **ad**, em latim, para expressar o conceito de 'direção' ou 'movimento para algum ponto', de 'aproximação' e final 'junção de uma coisa a outra' (SAID ALI, 1964, p. 201).

No latim do século VI, registra o emprego da preposição **ad** para indicar o 'modo', como se pode ver a seguir nos exemplos dos *Dialogi de São Gregório*:

[...] **ad** cuius vocem protinus Langobardos in mindos spiritus invasit (1, 38, 17-18).
(‘E **ao** braado do monge que esto disse logo o espiritu maa entrou nos lombardos’ (1, 9, 11)).

[...] **ad** cuius nimirum vocês advenit episcopus (1, 55, 2-3).
(‘E **aos** braados veo bispo’ (1, 19, 8)).

M. Said Ali (1964, p. 211) afirma que a preposição **ad** foi empregada no latim vulgar com o sentido de 'lugar onde', para denotar 'o ponto de chegada do movimento'. Segundo o autor, são encontrados exemplos em Varrão e Tito.

Esse uso da preposição **ad** para indicar a 'permanência', como era corrente com a preposição **in**, também está documentado nos *Diálogos de São Gregório*, nos originais latinos, correspondendo na tradução portuguesa à preposição **a**, como nos exemplos que se seguem:

Corpus eius ad ianuam monasterii iacet (2, 124, 22-23).
(seu corpo jaz **aa** porta do mosteiro (2, 32, 20))

ad fenestram stans et omnipotentem Dominum depreceans (2, 129, 3-4).
(e, estando **a** hua feestra rogando Nosso Senhor (2, 35, 5)).

No que se refere à preposição portuguesa **a**, J. P. Machado (1977, s.v **a**) assinala que ela provém, na maioria das vezes, do latim **ad**, embora, em alguns casos, haja influência do latim **a/ad**, como nas expressões **fugir a**, **escapar a**. Existem ainda casos em que a preposição **a** corresponde ao latim **apud**, como se encontra documentado no século X:

Pariat due libra auri bina talenta et a domnu qui illa terra imperauerit aliud tantum
(P. M. H., Dipl., p. 4).
(‘Adquiri duas libras de ouro por dois talentos e do senhor que tenha administrado aquela terra outro tanto’).

Percebe-se que na história da preposição **a**, houve um período de sincretismo entre essa forma provinda de **ad** e a preposição **a/b** que, numa certa época, chegaram a confundir-se. Finalmente, **ad** passou a **a**, enquanto **a/ab** desapareceram absorvidas pela preposição **de**.

Os sentidos de **ad** foram conservados na preposição portuguesa **a**, apesar da concorrência de **para**. Dos usos da preposição **a**, correspondentes aos latinos, podem ser citados os exemplos a seguir, encontrados nos *Diálogos de São Gregório*:

- ‘direção no espaço’:

E pois fez as oraçon tornou a alma ao corpo do meniho (1, 4, 13)
(quo orante, anima pueri **ad** corpus rediit (1, 22, 26))

Enton o bispo Castorio veo ao moesteiro (1, 5, 60)
(tunc **ad** monasterium venit episcopus (1, 29, 4-5));

- ‘direção no tempo’:

aa hora de comer non poderon aver senon cinque pães pêra darem aos frades a comer (2, 21, 3)
(**ad** refrectionis horam fratribus invenire potuissent (2, 110, 17-18).

Segundo Moignet (1981, p. 223-224), o papel da preposição consiste, então, em reiterar o valor resultativo do verbo, desenvolvendo um elemento semântico implicado no verbo, uma vez que ele é insuficiente ou incapaz de expandir sem a mediação da preposição.

A preposição **a** entra na formação de certas locuções, indicando ‘o tempo em que alguma coisa se passa’, como em: **a esta hora**, **ao outro dia**, (ao lado de **no outro de**), **ao tempo em que**, **às três horas** (diferente de **em três horas**), **a 22 de julho** etc (SAID ALI, 1964, p. 203).

6 OS PREFIXOS LATINOS

6.1 O PREFIXO *EX-*

A preposição **ex** denota a saída, o movimento pelo qual uma pessoa ou coisa sai de um lugar em que estava, opondo-se assim à preposição **in**. Em seu sentido próprio e primário, exprime uma relação local; por conexão, tem servido para exprimir metaforicamente relações de origem, de causa, de matéria, de que tem saído alguma coisa ou tem sido formada. Como ocorreu com as preposições, em geral, da idéia de lugar passou-se à de tempo.

Ex difere de **ab** em dar a entender a primeira que uma coisa sai do interior de um lugar ou de um objeto, que dali procede intrinsecamente; e a segunda em denotar somente que a coisa vem de junto de.

O prefixo **ex**, como elemento formador de vocábulos, assume duas significações básicas: a) a de saída, donde resulta primeiro a de mudança de estado, em seguida, a de afastamento assaz acentuado e até de negação da idéia primeira do vocábulo; b) a de levar até o termo, até o resultado, isto é, fazer sair de um fato, de uma ação tudo quanto deve sair; ou antes **ex** tem simplesmente um valor intensivo, em relação à idéia primitiva.

Como acima está assinalado, o sentido próprio e de todos o mais freqüente da partícula **ex** vincula-se à idéia de ‘sair de’, de ‘fazer sair fora de’; trata-se de um movimento operador do interior para o exterior. Veja-se:

Ire – ‘ir’ na acepção mais extensa desse termo.

Exire – ‘sair de um lugar’.

Manare – ‘correr’.

Emanare – ‘correr para fora’.

Scribere – ‘escrever’.

Exscribere – ‘transcrever’, ‘reproduzir’.

Legere – ‘apanhar’, ‘recolher’.

Eligere – ‘tomar entre muitos’, ‘eleger’.

Vadere – ‘caminhar’.

Evadere – ‘sair de’, ‘escapar de’.

Abiit, excessit, evadit, erupit, disse Cícero, quando Catilina deixou Roma (Cic., *Cat.* 2, 1).

Analisando-se cada uma dessas formas verbais, tem-se os seguintes sentidos à base do prefixo **ex**-:

Abiit – ‘afastou-se de Roma’;

Excessit – ‘para deixar o lugar, o espaço livre’;

Evasit – ‘salvar-se do perigo’;

Erupit – ‘sem que ninguém pudesse detê-lo’.

Observar-se-á, contudo, que a idéia de saída expressa por **ex** não consiste sempre em passar propriamente de um lugar para outro, podendo-se exprimir metaforicamente a passagem de um estado a outro.

V. g.: ex indocto doctus evasit.

‘De ignorante tornou-se sábio’.

Em certos casos, o prefixo **ex** não se restringe a exprimir ‘a passagem do interior para o exterior’, ou ‘de um estado a outro’, porém, com indicação precisa de movimento, ‘aponta a direção de baixo para cima’:

Evasi ad summi fastigia culminis (Virgilius, *Eneida*, 2, 458).

Mergere – ‘mergulhar’, ‘afundar na água’;

Emergere – ‘ascender de certa profundidade à superfície da água e, até, sair dela’;

Sol emergens;

Stellae emergunt.

Sistere – ‘assentar’, ‘pôr’, ‘colocar-se’, ‘deter-se’;

Exsistere – ‘sair de’, ‘mostrar-se’, ‘elevar-se’, ‘aparecer’.

Exsistunt montes, diz Ovídio acerca das montanhas que reaparecem após o dilúvio e que parecem avultar e erguer-se à medida que a água diminui e baixa.

Est bos cervi figura, cuius a media fronte inter aures usum cornu existit excelsius.
(Caesar, *B.G.* 6, 26).

Encontra-se o mesmo sentido de ‘levar para cima’ em: *evolare, erigere, exstruere, educere* etc.

Da idéia de saída com tendência a um fim determinado, caso da expressão figurada – *evadere doctus* – resulta o sentido de ‘fazer sair uma pessoa ou coisa de sua natureza e fazê-la passar a outro estado, a outra natureza’, cuja idéia acha-se expressa pelo próprio radical da palavra primitiva. Assim, *effeminare*, cujo radical é tomado da palavra *femina* significa ‘fazer com que uma coisa que, de sua natureza, era masculina, torne-se do sexo feminino’.

Efferare – ‘fazer passar do natural humano ao da fera’, ‘tornar feroz’, ‘cruel’, ‘selvagem’: *Solitudo efferat igenia*.

Decorrente desse sentido anterior – metamorfose de natureza – a partícula **ex**, em uso abundante nos textos latinos, passa a indicar ‘privação’, ‘negação da idéia-base da palavra radical: assim, os verbos como *erudire, enervare* etc. dão a entender que o estado expresso pela palavra *rudis* (‘grosseiro’, ‘rude’, ‘ignorante’) é modificado para um estado oposto: ‘homem instruído’, ‘de espírito cultivado’.

Casos há em que a partícula **ex** indica ‘privação total’ da faculdade expressa pela palavra primitiva:

Excors – ‘privado do cor’, sede da inteligência e da razão entre os latinos, e daí ‘tolo’, ‘insensato’.

Elinguis – ‘que está privado do uso da língua’, ‘que fica mudo’, e, em termos de retórica, ‘que não é eloqüente’. Estende-se tal acepção a palavras como: *enervis, enodis, effrenus, exsanguis, exanimis* etc.

Encontradição em textos latinos, ainda há o emprego do prefixo na composição de palavras, denotando um resultado obtido, final, isto é, ação concluída. Assim, *exigere*, a

rigor, ‘conduzir fora’, compreende, entre as inúmeras significações, a de ‘executar completamente’, ‘acabar’, ‘aperfeiçoar’.

Exegi monumentum aere perennius. (Horatius, *Od.* 3, 30, 1).

Otrossim, *efficere*, *effugere*, *evitare* diferem das formas simples *facere* – ‘fazer, sem outra idéia acessória’; *efficere* – ‘levar uma empreitada ao cabo’, ‘executar’, ‘efetuar’.

Os verbos derivados – mediante o processo de prefixação – acrescentam ao verbo primitivo nova acepção em atribuindo ao sujeito mais esforço ou cuidado. Assim, tem-se:

Exornare – ‘ornar com cuidado’;

Exquirere – ‘buscar com cuidado’, ‘pesquisar’;

Evincere – ‘vencer com esforço’, ‘luta’.

Finalmente, em certas palavras, o prefixo **ex-** é de natureza intensiva em relação à palavra primitiva, o que ocorre, dentre outros vocábulos, com *edurus* (‘muito duro’), *efferus* (‘muito feroz’), *elamentabilis* (‘muito lamentável’), *egelidus* (‘muito frio’).

6.2 O PREFIXO *AB-* (*AB-*/ *ABS-*)

Assaz encontradiço nos textos dos escritores latinos, o prefixo **ab-**, que também tem presença acentuada na função de preposição, denota de imediato ‘afastamento’ sem outra idéia acessória, como em *IRE*, ‘ir’; *ABIRE*, ‘ir-se’; *DUCERE*, ‘conduzir’; *ABDUCERE*, ‘levar de algum lugar’. Tais verbos apresentam o objeto afastado como estando em movimento; outros, entretanto, de formação análoga, o apresentam como em estado de repouso: *ABESSE*, ‘estar longe’, ‘ausente’; *ABSTINERE* – ‘ter separado’, ‘afastado’.

Ab alienis mentes, oculos, manus abstinere. (Cic. *De Oratore*, 1, 43).

Algumas vezes, até a idéia de afastamento assume um tal nível que anula a do verbo primitivo:

Horrere aliquid

‘Ter horror de algo’, ‘temê-lo’

Abhorrere ab aliqua re.

‘Afastar-se’, ‘repugnar alguma coisa sem idéia de temor’.

Ademais, o movimento de afastamento expresso pela preposição **ab** dá-se algumas vezes na ‘direção de cima para baixo’, sentido mais peculiar da preposição **de**:

Prospexi Italiam summa sublimis ab unda. (Virgilius, *Eneida*. 6, 359).

A partir de tal uso da preposição **ab**, encontra-se entre termos derivados semelhante emprego:

JACERE e *ABJICERE* – ‘atirar alguma coisa, sem outra idéia acessória.

ABJICERE, no sentido próprio, ‘lançar para longe de si’, ou ‘deitar abaixo’:

Natura, quum ceteros animantes abjecisset (curvar para a terra) *ad pastum, solum hominem erexit.* (Cic., *De legibus*, 1, 9)

E, no sentido figurado: ‘abater’, ‘destruir’, ‘aviltar’:

Hic annus auctoritatem senatus abjecit. . (Cic. *Ad Atticum*. 1, 18)

O prefixo **ab-**, algumas vezes, exprime um afastamento considerável da idéia do vocábulo primitivo, de sorte tal que o vocábulo derivado, sempre adjetivo *in casu* sem constituir negação do sentido primário, é-lhe muito próximo:

Absimilis – ‘que se afasta do semelhante’, ‘diferente’;

Abnormis – ‘que se afasta da regra’;

Absonus – ‘que está afastado do som’, ‘discordante’;

Amens – ‘que perdeu a razão’, ‘que está fora de si’.

O prefixo **ab** traduz ainda um movimento de desvio da linha reta, sentido jacente no termo primitivo, denotando idéia de ‘retidão’ ou ‘indiferença’.

ERRARE – ‘andar aqui e acolá, à ventura’ tem um sentido diferente;

ABERRARE – ‘pelo contrário, é afastar-se do reto caminho’, ‘desencaminhar-se’;

ORTUS – ‘ação de nascer’, ‘o próprio nascimento’;

ABORTUS – ‘aborto’, ‘nascimento extemporâneo’;

UTI – ‘usar’, ‘fazer uso de’;

ABUTI – ‘fazer mau uso de alguma coisa’; *abuti*, entretanto, significa às vezes: ‘afastar-se do uso natural, e fazer um uso artificial e engenhoso de qualquer coisa e, portanto, de bom uso’.

O prefixo **ab** ainda, quando elemento formador de palavras, pode designar um ‘movimento brusco’, como em *abjicere*, *abstrahere*, *ablegare* etc., imprimindo um sentido de um ato que se finda de imediato. Daí resulta a idéia desfavorável de ‘destruir’, ‘suprimir’, ‘aniquilar abruptamente’;

SORBERE – significa ‘beber’, ‘engolir’ – sem indicar se a coisa engolida o foi em parte ou totalmente; exprime só um certo modo de beber, de engolir.

ABSORBERE – quer dizer: ‘beber’, ‘engolir’, ‘absorver até o fim, até não restar mais’.

Em *ABSUMERE*, o prefixo **ab** acrescenta à idéia contida em *SUMERE* (‘tomar’) a de ‘tomar sobre qualquer coisa’ e, por isso, fazendo-a minguar de maneira que bem rápido nada reste, donde: *consumir*, *destruir*, *perder*, em relação a coisas, ‘matar’, em relação a pessoas.

Ut ira mora vires absumere posset. (Ovidius, *Metamorfoses*, 3, 693).

Do mesmo modo, ocorre com o verbo *LIGURIRE* – ‘lamber’, ‘provar de um fruto’, ‘comer quantidade pequena’, enquanto *ABLIGURIRE* – ‘consumir comendo’, ‘comer totalmente’.

Entre os romanos, *ROGARE* ou *ABROGARE LEGEM* significava ‘aceitação da lei ou sua anulação’.

O prefixo **ab-** designa os laços de parentesco em referência à quarta geração, quer em linha ascendente, quer descendente:

Abavus, *quartus pater.* (Virgilius, *Eneida*, 10, 619) - ‘o trisavô’;

Abnepos - ‘o bisneto’ etc.

6.3 O PREFIXO *DE-*

A preposição **de**, enquanto elemento formador de palavras derivadas, exprime a idéia de movimento pelo qual uma coisa sai, parte, afasta-se de um lugar e adianta-se para outro. Faz, por conseguinte, considerar três aspectos básicos entre si correlacionados:

- a) ‘o ponto de partida’, ou ‘a saída’;
- b) ‘o ponto de chegada’ ou ‘o alvo do movimento’; e, enfim,
- c) ‘o espaço percorrido’.

De não denota sempre uma saída, afastamento do lugar em que estava o objeto, exprimindo também ‘desvio’, aberração da linha reta.

DEVIUS, derivado de *via*, ‘caminho’, significa que ‘está ao lado da estrada’, que ‘não se acha sobre ela’, tratando-se de coisa; ou que ‘saiu do reto caminho’, ‘que se desencaminhou, em sentido próprio ou figurado: *Devius equus* é simplesmente ‘um cavalo que se lança para o lado’.

Tal acepção – idéia acessória no afastamento - ocorre, v. g., em *DEFLECTERE*:

Deflectere amnes in alium cursum. (Cic. *Divin.* 1, 19) e

Deflexit jam aliquantulum de spatio, currículo que consuetudo maiorum. (Cic. *Amicitia*, 12)

Nesse sentido, pode-se dizer, em relação ao prefixo **ab-**, que esse denota ‘afastamento total da coisa’, enquanto em **de-** não ocorre tal.

Abrogare legem é anular integralmente uma lei, ao passo que em *Derogare e lege* é alterar uma parte dela, deixando subsistir outra; é modifica-la em parte.

Da idéia de ‘afastamento’ resulta naturalmente a de ‘ablação’, de ‘vácuo feito’, de ‘exempção’, de ‘desencarga em referência à coisa ou pessoa’, objeto da ação.

EMERE / DEMERE – ‘tirar’.

Emere significa, no sentido primário, ‘tomar’, ‘receber’, embora só tenha no uso conservado o de ‘comprar’. *Demere* refere-se a um ‘todo, do qual se tira, corta-se uma parte’ e, por isso, o objeto não resta mais completo, torna-se menor e diminuído. Pode-se

dizer que *demere* opõe-se a *addere*, ‘acrescentar algo ao objeto’.

FUNGI / DEFUNGI – ‘cumprir’, ‘satisfazer’.

Fungi é ‘preencher qualquer função ou dever, sobretudo a função pública’:

Fungi quaestura, consulatu, praetura.

Em *defungi* a partícula **de** indica ‘exempção’, ‘desencargo’; é exercer uma função de modo a ficar quite e, geralmente, ser vítima de certos males, não ter mais de sofrê-los e particularmente tratando-se da morte:

Defunctus jam sum; nihil est, quod dicat mihi

‘Morri, isto é, já cumpri minha obrigação, nada me sobrevém’.

DEESSE / ABESSE – esses verbos denotam ‘ausência de uma pessoa ou coisa’; porém, *abesse*, ‘não estar aí’, é oposto a *adesse*, ‘estar presente’, mostra simplesmente uma relação local, enquanto *desse*, ‘faltar’, é oposto a *esse* ou *superesse*, com a idéia particular de que, ‘pelo fato dessa ausência, acha-se destruída a integridade do todo.

Id quod deest – o que falta é havido como parte da substância, *cui deest* – ‘à qual falta’, com esta relação subjetiva de que sua ausência é nociva e incômoda.

NEGARE / DENEGARE – ‘negar’. *Negare* é ‘simplesmente dizer não’, ‘que não se está de acordo’, opõe-se a *AIO* – ‘afirmo’, ‘assevero’. *Denegare* acrescenta à idéia de *negare* a de ‘aflição à pessoa a quem se recusa algo’:

Denegare aliquo ius.

De igual modo dá-se com:

DENUNCIARE – ‘anunciar’, ‘fazer saber’, ‘informar algo que contraria’

DERIDERE – ‘zombar de’, ‘ridicularizar’.

DEMUTARE – ‘mudar para mal’.

DETRAHERE – ‘tirar’, ‘fazer mal a sua reputação’.

DECIPERE (CAPERE) – ‘tomar de modo enganoso’, ‘com fraude’.

Às vezes, o prefixo **de**, em vez de ser pejorativo, em consequência dessa idéia de ablação, é meramente privativo e negativo, isto é, empresta à palavra primitiva sentido contrário: *color* – ‘cor’ / *decolor* – ‘que perdeu a cor’; *crescere* – ‘crescer’ / *decrecere* – ‘diminuir’; *discere* – ‘aprender’ / *dediscere* – ‘desaprender’, ‘esquecer o que se tinha aprendido’; *docere* – ‘ensinar’ / *dedocere* – ‘fazer esquecer o que se tinha ensinado’; *nasci*

– ‘existir’ / *denasci* – ‘morrer’; *tegere* – ‘cobrir’ / *detegere* – ‘descobrir’; *decus* – ‘honra’ / *dedecus* – ‘desonra’ etc.

Outro aspecto ainda referente ao uso do prefixo **de** prende-se à idéia de ‘se atingir um fim (alvo) e fazê-lo completamente’. Noutros termos, indica ‘ter chegado uma ação inteiramente a seu termo’, ‘não restar nenhuma parte a completar’; o **de**, *in casu* é de caráter intensivo em relação ao vocábulo primitivo.

VINCERE – ‘vencer’ / *DEVINCERE* – ‘infligir uma derrota completa’.

BELLARE – ‘fazer a guerra’ / *DEBELLARE* – ‘pôr fim à guerra pela vitória’.

TEXERE – ‘tecer’ / *DETEXERE* – ‘fazer completamente um tecido’.

PERDERE – ‘perder’ / *DEPERDERE* – ‘perder de tal sorte que nada reste da coisa perdida’.

Scripta deperdita, isto é, ‘obras escritas de que nada mais resta’.

De natureza intensiva é a partícula **de** nos vocábulos seguintes, merecedores de análise:

(*SE*)*DARE* / (*SE*)*DEDERE* – ‘dar-se a alguma coisa’. *DARE* significa ‘dar para que outro tenha’, portanto, de sentido amplo; *DEDERE* – termo mais preciso, revela idéia de que o doador renuncia a todos os seus direitos ao objeto dado. Quando esses verbos são usados pronominalmente, ocorre também igual diferença quanto a seus sentidos.

Assim, *se dedere* significa ‘dar-se’, ‘votar-se seriamente com zelo, com ardor a uma coisa ou pessoa’:

E. g.: litteris se dedere, studiis se dedere.

Já forma verbal *se dare* prende-se mais freqüentemente a coisas de natureza efêmera, como *libido*, *otium*, *voluptas* etc. que traduzem a idéia de ‘deixar-se ir’, ‘entregar-se a’.

POSCERE – ‘pedir simplesmente’; *DEPOSCERE* – ‘pedir com instância, ordinariamente para um fim determinado’;

POPULARE – ‘despovoar’; *DEPOPULARE* – ‘assolar completamente’, ‘saquear’, ‘dizimar a população’.

A esses verbos acrescentem-se:

DEPUGNARE, DEVERBERARE, DESERVIRE etc.

É de notar, entretanto, que à natureza intensiva decorrente da partícula **de** junta-se a sentido pejorativo. Exemplos desse aspecto acham-se nos verbos *DEAMARE* e *DEAMBULARE* – aos quais se atribuem uma idéia acessória ‘desfavorável’, ou seja, ‘ação sobre a qual a pessoa não exerce domínio pleno.

Enfim, em vários casos, a partícula **DE** faz principalmente considerar o espaço percorrido: descreve os estados sucessivos por que o sujeito entre os pontos de partida e de chegada, ou de um modo mais geral, representa uma ação qualquer durante a execução em todos os graus, particularidades, circunstâncias, até chegar a seu termo. Difere, portanto, de **ab**, que indica movimento rápido e abrupto. É pois não somente completiva, porém, muitas vezes, também analítica, determinativa, descritiva.

Como exemplos, poder-se-ão alinhar os verbos:

AGERE / DEGERE em vista de *VITAM, AETATEM* etc. ou tomados absolutamente significam ‘viver’, ‘passar o tempo’; porém, *AGERE* diz-se de um espaço de tempo mais restrito, e *DEGERE* de um espaço mais amplo, extenso.

Agimus diem, degimus aerum. *AGERE* encerra a idéia de ‘atividade’, enquanto *DEGERE* encerra a idéia acessória de ‘tranqüilidade’, seja ‘folga’, seja ‘repouso forçado’.

Do exposto resulta que o verbo, ao qual une a partícula **de**, exprime *algumas* vezes ‘movimento suave e lento’ e é essa partícula equivalente ao advérbio *paulatim*. Daí, *DEGUSTARE* é equivalente a *leviter gustare*.

Nas palavras, outrossim, como *DENARRARE, DESCRIBERE, DEMONSTRARE, DEFINIRE, DECLAMARE, DEPINGERE* etc. a partícula **de** é especialmente descritiva, característica, determinativa e rigorosa. *DENARRARE* diz mais que o simples *NARRARE*, ou seja, é contar minuciosamente, em todas as circunstâncias, entrando em todas as particularidades. *MONSTRARE* significa ordinariamente ‘mostrar, apontar um objeto físico com o dedo, com a mão’ etc.

V. g.: *Erranti viam monstrare*, enquanto *DEMONSTRARE* é mostrar alguma coisa que não é de si mesma evidente, é conduzir de raciocínios em raciocínios, até a prova de um fato e isso de modo rigoroso.

FINIRE quer dizer ‘limitar em geral’; *DEFINIRE* exprime a idéia de ‘encerrar em limites precisos, isto é, limitar extremamente as partes de um todo’:

Homo est animal rationalis, sic homo definitur.

6.4 O PREFIXO *AD-*

O prefixo **ad-** exprime:

- a) direção para, algumas vezes, direção para cima;
- b) direção para trás, volta indireta da ação sobre o agente;
- c) proximidade, vizinhança;
- d) começo de ação, tendência, paixão.

A preposição **ad** tem por função exprimir movimento pelo qual dois objetos tentam tocar-se, pelo qual um dirige-se para outro: este se constitui o seu sentido fundamental. Dessa relação puramente espacial deflui seu emprego de natureza metafórica.

a) O prefixo **ad-** em composição exprime em seu sentido próprio ‘direção a uma pessoa ou lugar que é ou parece ser o termo do movimento: *IRE*, ‘ir’, *ADIRE*, ‘ir para’, com grande número de acepções particulares; *CEDERE*, ‘andar’, *ACCEDERE*, ‘aproximar-se de’; *REPERE*, ‘arrastar’, *ADREPERE*, ‘ir rastejando para’; *SALIRE*, ‘saltar’, ‘pular’; *ASSILIRE*, ‘saltar para, sobre ou contra alguém ou alguma coisa’.

Ordinariamente, **ad** não determina o sentido particular da direção; contudo, quando o sentido do vocábulo simples presta-se a tanto, esse prefixo concorre a fazer aparecer a idéia de ‘direção de baixo para cima’ e opõe-se até certo ponto, ao prefixo **de**. Daí o verbo *ASSILIRE* conter a idéia de ‘saltar sobre um objeto mais elevado’:

Miles quum saepe assiluit defensae moenibus urbis. (Ovidius, *Met.* 11, 526)

Nos verbos infra-alinhados ocorre semelhante processo, ou seja, de o **ad** dar mais precisão à idéia de elevação já contida nas formas verbais primitivas:

ADTOLLERE – ‘erguer para’; *ASSURGERE* – ‘levantar-se’; *ADRIGERE* – ‘levantar’; etc. *ASCENDERE* significa exclusivamente ‘subir’, sentido que *SCANDERE* (forma simples) não traz necessariamente por si mesmo. Por igual razão é que *ACCENTUS* (*ad + cantus*) significa ‘acento’, isto é, ‘elevação da voz sobre uma das sílabas da palavra que se pronuncia’.

ACCLIVIS / DECLIVIS – o substantivo *clivus*, que serve para formar essas duas palavras, designa ‘uma encosta’, ‘um plano inclinado’, ‘uma linha em oposição à linha horizontal, sem, todavia, ser a linha vertical’. Ambos os prefixos – **ad-** / **de-** - fazem considerar essa encosta de um ponto de vista oposto: quando se emprega *acclivis* dá-se foco à direção ‘de baixo para cima’:

Ab eo flumine pari acclivitate collis nascebatur. (Caesar, *B.G.* 2, 18),

Quando *declivis* – ‘de cima para baixo’:

De locis superioribus haec declivia et devexa cernebantur. (Caesar, *B.G.* 7, 88).

b) O prefixo **ad-** ainda no enfoque de ‘direção’ contém um sentido particular, ao indicar ‘volta da ação sobre o sujeito da ação verbal, processo equivalente à voz média do grego.

Considerem-se os verbos: *TRAHERE* – ‘puxar simplesmente’; *ATTRAHERE* – ‘puxar para si’:

Magnes ferrum attrahit.

ALLICERE – ‘atrair a si’, ‘ganhar’:

Omnis virtus nos (ad se) allicit. (Cícero, *Off.* 1, 17)

SUMERE – ‘tomar’, ‘escolher’; *ASSUMERE* – ‘tomar para si’:

Assumere uxorem (‘Casar-se’)

DUCERE – ‘levar’, ‘conduzir’; *ADDUCERE* – ‘levar alguém consigo em sua comitiva ou puxar a si’

RAPERERE – ‘puxar rapidamente para si’.

VOCO – ‘chamar’; *ADVOCADRE* – ‘chamar a si’, ‘convidar alguém com a idéia acessória de um fim de auxílio, proteção’.

MITTERE – ‘enviar’, ‘mandar’; *ADMITTERE* – no sentido próprio significa ‘fazer adiantar alguém ou alguma coisa para qualquer lugar, fazer chegar junto a’.

Em muitos, porém, de seus sentidos particulares, o prefixo **ad-** tem por efeito fazer-lhe indicar ‘volta da ação sobre o agente’. Daí *ADMITTERE* significar: ‘dar livre acesso junto a si a uma ação não permitida’, isto é, ‘cometê-la’, ‘tornar-se culpado’.

ADMITTERE envolve, pois, idéia de ‘culpabilidade moral’, enquanto o agente cometeu de livre vontade a ação.

c) Considerou-se até aqui a partícula **ad-** exprimindo ‘movimento de direção e de aproximação’, quer em sentido puramente local, quer metafísico (abstrato). Muitas vezes também o **ad-** exprime relação de proximidade e de vizinhança de um objeto relativamente a outro. Neste caso, não se considera mais o objeto como estando em movimento para aproximar-se, porém, como já estivesse concluído, operado ao lado de outro objeto.

ACCOLA é aquele que habita junto de um lugar, por exemplo, de um rio (*Accola fluvii*), de uma montanha (*Accola montis*), do mar (*Accola maris*), enquanto *INCOLA* é aquele que habita no lugar mesmo, por exemplo, na floresta (*Íncola silvae*).

AFFINIS (*ad + finis*) - ‘aliado’, ‘unido por uma espécie de parentesco resultante de núpcias’.

ADJACERE – ‘estar deitado’, ‘situado junto’, é o termo próprio para exprimir posições espaciais:

Tuscus ager Romano adjacet. (Tacitus, 2, 49)

ADAMBULARE – ‘passear junto de’.

ACCUBARE – ‘estar deitado perto de alguém’.

ADHERERE – ‘estar preso a alguém ou coisa’.

À idéia de ‘simples aproximação ou proximidade’, a partícula **ad-** acrescenta idéia acessória de ‘finalidade’, de ‘escopo’. Assim, tem-se:

ASSIGNARE – ‘pôr sinal numa coisa com o fim de determiná-lo como pertencente a alguém’.

ANNOTARE – ‘pôr nota ou notas a alguma coisa’, ‘tomar nota de’, ‘anotar para lembrar-se’, ‘para explica-la’ etc.

ADORARE – significa propriamente ‘aproximar-se de uma divindade para dela obter alguma coisa’; depois tornou-se, por extensão, expressão *lato sensu* para designar

‘toda homenagem tributada à divindade’.

ARBITER (equivalente de *ADIRE*) significa propriamente ‘aquele que vai junto de qualquer coisa para vê-la ou ouvi-la, testemunha ocular ou auricular’.

Na linguagem judiciária, *arbiter* é aquele que se aproxima, por assim dizer, de um negócio para examiná-lo e decidi-lo. É o juiz do que se chamava em latim – *actio bonae fidei*, isto é, aquele que pronuncia sobre um negócio numa ótica subjetiva, conforme sua consciência; enquanto *iudex* decide somente *ex lege* (conforme a lei).

d) Há um certo número de casos, em que o prefixo **ad-** exerce papel contrário a **ab**, **ex** e **de**. Com efeito, esses indicam, como foi visto antes, acabamento de uma ação, enquanto **ad** denota o início, ou, antes, uma ação em grau pouco elevado, equivalendo a ‘pouco’, ‘um pouco’. *Verbi gratia*, *ADEDO* – ‘começo a comer’; *ADDORMIO* – ‘começo a dormir’, ‘adormecer’; *ADDIVINO* – ‘adivinho pouco mais ou menos’; *ADDUBITARE* – não é precisamente duvidar, porém, antes, ‘inclinarse à dúvida’, ‘ter alguma dúvida’:

Haec inter se comparare et in his addubitare turpissimum est. (Cícero, *Off.* 3, 4).

A esse sentido do prefixo **ad-** refere-se a idéia de ‘tendência pronunciada a fazer uma ação, de paixão de esforços’ etc.

ADDAMARE – não é a forma intensiva de *AMARE*, é, antes, sua forma incoativa e significa ‘namorar-se de alguém, de alguma coisa’. O verbo *AMARE* é a expressão geral e natural; designa ‘o amor instintivo para o bem’, por oposição a *ADDAMARE* que traduz a elevação de sentimento e entusiasmo de quem ama.

AFFECTARE significa ‘buscar uma coisa apaixonadamente, com ambição’, ‘aspirar a ela’, ‘atirar-se com ardor com intenção de fazer a coisa sua’.

APPETERE exprime, no estado de manifestação, de execução, a idéia de ‘vontade e de desejo’ que os termos *VELLE* e *CUPERE* exprimem somente no estado de sentimento.

APPETERE designa, pois, ‘desejo violento’, ‘manifestação apaixonada de um anelo’.

O prefixo **ad-** indica, nesse caso, ‘tendência a apossar-se e a gozar de um objeto que agrada e excita o desejo, a cobiça’:

Cupidissime amicitiam populi Romani appetere. (Caesar, *B.G.* 1, 40)

Amittit merito proprium qui alienum appetit. (Phaedrus, 1, 4, 1).

7 METODOLOGIA

7.1 ETAPAS DA PESQUISA

Na primeira etapa deste estudo, foi feita a pesquisa bibliográfica que constou do estudo de gramáticas latinas a respeito das preposições **ex**, **ab**, **de** e **ad** e de gramáticas da língua portuguesa sobre as preposições **de** e **a**. Em seguida, fez-se um estudo nessas mesmas gramáticas sobre esses itens como prefixos tanto em latim como em português.

Finalmente, realizou-se um estudo das obras que tratam dos processos de gramaticalização, com o objetivo de aplicar os conceitos funcionalistas aos dados selecionados.

Na última etapa, foi feita a interpretação dos dados levantados, sob a óptica da teoria funcionalista da gramaticalização, da teoria localista e da teoria dos protótipos.

7.2 CARACTERIZAÇÃO DOS *CORPORA*

Os *corpora* básicos analisados constituem-se das seguintes obras:

Marcus Tullius Cicero nasceu em 106 a.C., em Arpino. Educado em Roma em meio aos mais ilustres oradores e filósofos. Cícero era por natureza dotado de grandes e variadas aptidões que soube cultivar com admirável constância. Mirou sempre o bom e o honesto, e tem certamente direito ao respeito e admiração de todos, tanto mais se o comparar com a maior parte dos seus contemporâneos.

Possuía a extraordinária faculdade de reproduzir em linguagem fácil e ornada de modo a enriquecer a literatura latina de inúmeras e novas formas e a tornar-se o criador da prosa que, em beleza e correção jamais por outrem superada. Teve o talento do verdadeiro

orador e a esse gênero literário pertencem suas melhores produções. Suas obras poder-se-iam classificar em:

A) Orações (*sermones*), dentre as quais gozam de relevância – 1º *Pro Marco Tullio*; 2º *Divinatio in Caecilius*; 3º *Pro Caecina*; 4º *De imperio Pompei (Pro Lege Manilia)*; 5º *Pro Publio Cornelio Silla*; 6º *Pro Archia*; 7º *Pro Lucio Valerio Flacco*; 8º *Pro T. Annio Milone*; 9º *Pro Marco Marcello*; 10º *Pro Quinto Ligario*; 11º *Orationes Philippicae*. E, encerrando a incomensurável produção de obras em forma de discurso – sobrelevam-se as quatro famigeradas *Orationes in Lucium Catilinam*, cujos textos até pouco tempo constituíam leitura e análise obrigatórias em salas de aula nos cursos de Letras.

B) Obras retóricas: 1º *Rhetorica* ou *De inventione*; 2º *De Oratore*; 3º *Partitiones oratoriae* ou *De partitione oratoria*; 4º *De optimo genere oratorum*.

Obras Filosóficas: 1º *De Republica*; 2º *De Legibus*; 3º *Hortensius* ou *De Philosophia*; 4º *Tusculanae Disputationes*; 5º *De Natura Deorum*; 6º *De Officiis*; 7º *De Amicitia*; 8º *De Auguriis*

C) Correspondência Epistolar: 1º *Ad Atticum*; 2º *Ad Familiares*; 3º *Ad Quintum Fratrem*.

A mais eminente figura literária depois de Cícero foi, sem dúvida, Caius Julius Caesar, nascido a 12 de julho do ano 100. Foi eleito cônsul em 59, após ter concluído o triunvirato com Pompeu e Crasso. Entre 58 e 50 teve, como procônsul, a administração da Gália.

Julius Caesar é um dos mais famosos varões no curso da história romana não só como general (*dux*), mas outrossim como orador e estadista. Orador, foi inferior a Cícero, valendo-se, porém, desta faculdade para alcançar seus fins políticos. De suas obras restam na íntegra: 1º *Comentarii de bello gallico*; 2º *Comentarii de bello civili*.

A primeira obra se compõe de sete livros, contendo a história dos primeiros sete anos da guerra gálica, uma espécie de memorial. Apesar de ser a forma simples e isenta de qualquer artifício, cada expressão é diligentemente cuidada. A segunda obra, em três volumes, contém a narração da guerra civil travada entre César e Pompeu, até a guerra alexandrina.

Publius Virgilius Maro. Nasceu em Andes, Vila situada perto de Mântua, a 15 de outubro do ano 70. Vergílio manifestava a vontade de ser sepultado em Nápoles, onde ainda hoje lê-se o epitáfio, a ele atribuído, sobre um túmulo que se presume ser o dele.

A nobre e tranqüila suavidade difundida em todas as suas obras é um reflexo da alma pura e serena do vate romano; isto nos explica a perfeição alcançada nos temas idílicos e na poesia sentimental em que de modo magnífico descreve o amor, a vida doméstica e campestre. Dentre suas obras gozam de máxima apreciação da parte dos estudiosos da língua e literatura latinas as obras: 1º Bucólica – diz églogas ou composições pastoris. 2º Geórgica, em quatro livros que versam respectivamente sobre a agricultura, as árvores, a criação do gado e das abelhas. 3º Eneida – obra mais formosa e conhecida dentre essas citadas. Poema elaborado em doze livros, iniciado no ano 30 e que o poeta não concluiu. Narra todas as aventuras e peripécias vividas por Enéias, ao retornar de Tróia rumo ao Lácio.

C. Quintus Horatius Flaccus. Nasceu em Venosa, a 8 de dezembro do ano 65 a.C. Estabelecido em Roma, foi educado por insígnies mestres da época. Esteve em Atenas desenvolvendo atividades intelectuais sob orientação dos filósofos Teomnesto e Cratipo. Junto a Vergílio, Horácio conviveu com Mecenas, protetor das artes, e cuja amizade lhes foi determinante no que tange à produção literária. Morreu no ano 8 a.C., legando a Augusto seus bens.

Em suas sátiras revela-se o seu *modus vivendi*. Soube manter constantemente aquela moderação por ele expressa na conhecida frase *Nihil admirar*. Iniciou a carreira literária como escritor de sátiras, em sua maioria lavradas em forma dialógica e revelam fineza artística no trato literário.

Ao lado das sátiras, Horácio escreveu os épicos em metros líricos gregos, mostrando-se livre imitador de Arquíloco (poeta grego); esses aproximam-se das sátiras, pela juvenil veemência e agressividade. Inspirando-se na métrica de Safo e Alceu produziu as famosas Odes (*carmina*), em que retoma a linha de reflexão. O mesmo criticismo já notado nas sátiras, como também a intenção de censurar de vários modos a avareza, as extravagâncias, a licenciosidade desenfreada do seu tempo e deflui de sua obra ter gozada

moderadamente o poeta dos prazeres da vida, donde a permanência e citação freqüente de princípios seu, v.g.: *Carpe diem* e *Aurea mediocritas*.

Além das famosas *Odes*, deixou o autor as epístolas chamadas de *Sermones*, em que se revela o fruto de uma longa experiência e percepção da vida.

Publius Ovidius Naro nasceu em Sulmona, cidade dos Pelignos, no ano 43 a.c. Estudou em Roma com renomados mestres demonstrando já grande inclinação para a poesia.

Ovídio foi um dos mais fecundos poetas de sua época e possuiu em grau maravilhoso a facilidade de compor textos em versos. Na elegia erótica é que manifesta o peculiar de seu engenho poético.

Legou inúmeras e fecundas obras, a saber:

- *Amores* – série de quadros eróticos e sensuais
- *Epistolae* – (*Heroides*) cartas de amor;
- *Medicamina Faciei* – fragmentos sobre o toucado feminino;
- *Ars Amatoria* ou *ars amandi* – ensinamentos aos amantes de ambos o sexos;
- *Remedia amoris* – Conselhos para amainar a paixão do amor;
- *Metamorfoses* – Narrativa fantástica das transformações dos seres da natureza;
- *Tristia* – Cartas escritas em metro elegíaco em Tomos; algumas dirigidas a Augusto e à mulher;
- *Fastos* – espécie de calendário em que se descrevem os fenômenos astrais de cada mês.

8 REFLEXOS DOS ITENS GRAMATICAIS NO PORTUGUÊS DO BRASIL

8.1 AUSÊNCIA/ PERMANÊNCIA DAS PREPOSIÇÕES *EX*, *AB*, *DE* E *AD*

8.1.1 A mudança do latim para o português: conceitos de AFASTAMENTO e APROXIMAÇÃO

Poggio Heine (2006) encontrou, no latim do século VI e no português dos séculos XIV, XVI e XVII, as seguintes preposições e locuções prepositivas, na expressão dos conceitos de AFASTAMENTO:

ESPAÇO: AFASTAMENTO

LATIM:					
Séc. VI	A/AB	DE	EX	EXTRA	IN
PORT.					
Séc. XIV	DE	FORA DE	LONGE DE		
PORT.					
Séc. XVI	DE	ALÉM DE	FORA DE	LONGE DE	
PORT.					
Séc. XVII	DE	DISTANTE DE			

Como se vê no quadro acima, com referência à expressão do conceito de ESPAÇO: AFASTAMENTO, no latim do século VI, estão documentadas as preposições **ab**, **de**, **ex**, **extra** e **in**, como se observa nos exemplos a seguir:

AB

*[...] longe quippe **ab** hominibus positus, quia die eodem paschalis esset sollemnitas ignorabat. (DSG, 2, 78, 1-2)*

(‘E porque el morava longe dos homens, non sabia se aquel dia era festa de Pasqua’ (DSG, 2, 1, 57))

DE

*Ite, et eum **de** cella expellite. (DSG, 1, 30, 14)*

(‘Ide e deitade-o agiha da cela’ (DSG, 1, 5, 72a))

EX

*Dei servus **ex** caballo in quo sedebat. (DSG, 1, 20, 17-18)*

(‘[...] os seus homens derribaron o abade don Libertino do cavalo en que andava’ (DSG, 1, 2, 37))

EXTRA

*Duobus modis [...] **extra** nos ducimur (DSG, 2, 82, 17)*

(‘En duas maneiras [...] saímos nós de nós meesmos’. (DSG, 2, 3, 42))

IN

*[...] qui videlicet mons distenso sinu hoc idem castrum recepit, sed [...] **in** altum se subrigens. (DSG, 2, 95, 1-3)*

(‘Ca en huu monte muito alto estava huum castelo que avia nome Casino e estendia-se da costa do monte ata cima.’ (DSG, 2, 8, 42))

Na expressão desse mesmo conceito, no português, registram-se: no século XIV, as formas **de**, **fora de** e **longe de**; no século XVI, **de**, **além de**, **fora de** e **longe de**; e, no século XVII, **de** e **longe de**.

Século XIV:

DE

*E Severo levantou-se logo **de** terra. (DSG, 1, 31, 17)*

*[...] saiu o ferro **do** mango e caeu na lagoa. (DSG, 2, 6, 4)*

FORA DE

*E el pois foi **fora do** moesteiro achou, huu dragon estar na carreira com sa boca aberta. (DSG, 2, 25, 6)*

LONGE DE

*E porque el morava **longe dos** homens, non sabia se aquel dia era festa de Pasqua. (DSG, 2, 1, 57)*

Século XVI:

DE

*Mandou ao bispo de Silves, e ao bispo de Tangere, e a Dom Francisco d'Eça, e a Joam Fogaça que o tirassen **da** sepultura; [...] (GR, p. 459, l. 20)*

ALÉM DE

*[...] sayo-se Jesu com todos e foy-se como acostumava ao Monte Olivete **além do** Ribeyro dos Cedros. (GR, p. 512, l. 101)*

FORA DE

*Veho Bemohi muyto bem vestido e entrou na sala em que el-rey o estava esperando e o veo receber/ dous ou tres passos **fora do** estrado com o barrete hum pouco fora. (GR, p. 270, l. 3646)*

LONGE DE

*Ha raynha hos veo esperar a hua varanda térrea aa entrada dos paços muyto **longe** de seu apousentamento, [...] (GR, p. 475, l. 266)*

Século XVII:

DE

*Nos meses de Outubro e Novembro saem **do** mar e **do** rio do Pará grande quantidade de tartarugas, [...] (AV, CM, p. 355, l. 379)*

LONGE DE

*[...] porque a canoa [...] em que vinha a pobre despensa, sempre ficava tão **longe do** refeitório que não era de proveito, nem era necessário tocar à mesa. (AV, CM, p. 352, l. 292)*

TEMPO: AFASTAMENTO

LATIM:			
Séc. VI	AB	EX	POST
PORT.:			
Séc. XIV	DE	DES	
PORT.:			
Séc. XVI	DES/DESDE		
PORT.:			
Séc. XVII	DE	DALI POR DIANTE	DAQUI POR DIANTE

Para expressar o TEMPO: AFASTAMENTO, no latim, são empregadas as formas **ab**, **ex** e **post**, enquanto nos textos do português, estão documentadas: no século XIV: **de** e

des; no século XVI: **des/desde**; e no século XVII: além da preposição **de**, as locuções prepositivas **dali por diante** e **daqui por diante**, sendo todas elas exemplificadas a seguir:

LATIM

AB

[...] *aestuarē coepit in cogitatione, ne **ab** eo pauperes vacui exirent.* (DSG, 1, 54, 18-19)
 ('[...] começou-se a coitar e a cuidar como os pobres se non partissen dele sen alguma esmolna'. (DSG, 1, 19, 3))

EX

[...] *atque **ex** illo die etiam cum voluero, de Deo tacere non possum.* (DSG, 1, 32, 8-9)
 ('E daquel dia adeante ainda que me queira calar de falar de Deus non posso' (DSG, 1, 6, 9))

POST

[...] *vade, et **post** haec furtum non facias.* (DSG, 1, 26, 20-21)
 ('Vai-te e des aqui adeante non venhas aqui a furtar'. (DSG, 1, 5, 47))

PORTUGUÊS

Século XIV:

DE

[...] *e assi se fez que **daquel** tempo viinham muitos pera vee-lo.* (DSG, 2, 1, 66)

DES

*E **des** aquel dia adeante leixoo-u aquel meniho negro que o tragia sempre fora da eigreja.* (DSG, 2, 4, 17))

Século XVI:

DES

*“Vees aqui tua madre”; e **des** aquella ora a recebo o discipolo por sua [...] (GR, p. 520, l. 1395)*

Século XVII:

DE

*[...] e **de** então até hoje nunca mais ouvimos trovoar, nem vimos chuva; [...] (AV, CM, p. 358, l. 477)*

DALI POR DIANTE

*Cada dia, **dali por diante**, nos levantavam um falso testemunho. (AV, CM, p. 324, l. 292)*

DAQUI POR DIANTE

*[...] para passar as cachoeiras em que **daqui por diante** havemos de entrar. (AV, CM, p. 360, l. 518).*

QUALIDADE: AFASTAMENTO

LATIM: Séc. VI	AB
PORT.: Séc. XIV	DE
PORT.: Séc. XVI	DES

Já na expressão da QUALIDADE: AFASTAMENTO, no latim do século VI, observa-se o uso da preposição **ab**, enquanto no português do século XIV, emprega-se **de** e do século XVI, **fora de**, exemplificadas abaixo:

LATIM

AB

[...] *iam aliquando ab iniquitate conpescere* (DSG, 2, 102, 9)
 ('Quita-te já de maldade ca tempo he'. (DSG, 2, 15, 7))

PORTUGUÊS

Século XIV:

DE

E elas non mudaron nemigalha de seus costumes e a poucos dias morreron. (DSG, 2, 23, 11)

Século XVI:

FORA DE

[...] *e cavaleyros juntos de hua parte e da outra, el-rey lhe respondeo alto fora do propósito em que falavam [...]* (GR, p. 427, 8399)

No que se refere ao processo de gramaticalização, na passagem do latim para o português, verifica-se o desaparecimento das formas **a/ab**, **ex** e **extra**, chegando esses itens ao estágio zero como preposições, ao passo que as formas **de** e **in** encontram-se entre aquelas que se mantiveram no português.

Ao se observar o quadro do português, comprova-se que, em todos os séculos estudados, a preposição **de** serve para expressar esse conceito. Entretanto, ao lado desse emprego, a língua portuguesa cria novas formas, com a criação de locuções prepositivas, através do processo de recategorização, com o auxílio dos advérbios **fora** e **longe** (ADV > PREP).

Com relação ao TEMPO: AFASTAMENTO, vê-se que as preposições latinas **a/ab** e **ex** desapareceram, alcançando o estágio zero de gramaticalização; apenas **post** passou para o português, através do processo de morfologização, quando lhe foi acrescida a preposição **de**, tendo como resultado o item **depois**.

Além das preposições citadas, a língua portuguesa cria outra forma, por meio do processo de morfologização, inicialmente, no século XIV, **des** (< **de** + **ex**) e, como já se observou, a partir do século XVI, esse item recebe novo reforço, passando, através do processo de aglutinação, à forma **desde** (**de** + **ex** + **de**). No século XVII, estão documentadas as locuções prepositivas **dali por diante** e **daqui por diante**, formas provenientes do processo de recategorização de alguns elementos, inicialmente, usados como advérbios (**ali/aqui e ante**).

O mesmo ocorreu com a expressão abstrata do AFASTAMENTO: a preposição latina **ab** chega ao estágio zero de gramaticalização e a língua portuguesa mantém a forma do latim **de**, assim como cria a forma **des**, através do processo de morfologização citado acima.

Na expressão da APROXIMAÇÃO, no latim do século VI e no português dos séculos XIV, XVI e XVII, Poggio (2006) encontrou as seguintes preposições e locuções prepositivas:

ESPAÇO: APROXIMAÇÃO

LATIM SÉC. VI	AB	CIRCA	IUXTA		
PORT. SÉC. XIV	A	ARREDOR DE	CABO DE	DERREDOR DE	PRETO DE\ APRETO DE
PORT. SÉC. XVI	A	COM	DE		
PORT. SÉC. XVII	À BEIRA DE	PERTO DE			

Como se pode observar no quadro acima, para a expressão das relações de ESPAÇO: APROXIMAÇÃO, no latim do século VI, são empregadas as preposições **ab**, **circa** e **iuxta** exemplificadas a seguir:

AB

[...] *nam longe ab eius monastério duae quaedam sanctaemonialis feminae, nobiliori genere exhortae.* (DSG, 2, 114, 9-11)
 ('Apreto do seu moesteiro moravan huas monjas d'alto liagen'. (DSG, 2, 23, 6))

CIRCA

[...] *nam nigra parvaque avis, quae vulgo merola vocatur, circa eius faciem volitare coepit.* (DSG, 2, 78, 18-19)
 ('Ca hua ave pequena e negra que chaman mérloa começou a voar ante seu rostro e andar [...] derredor dele'. (DSG, 2, 2, 3))

IUXTA

[...] *et iuxta corpus defuncti sedit [...] per nomen vocavit.* (DSG, 1, 66, 7-8)
 ('[...] assentou-se cabo do morto e chamoo-u per seu nome'. (DSG, 1, 29, 12))

Nos textos portugueses analisados, na expressão dessas relações, aparecem: no século XIV, a preposição **a**, ao lado das locuções prepositivas **arredor de**, **derredor de**, **cabo de** e **preto de/ apreto de**; no século XVI, documentam-se as preposições **a**, **com** e **de**; e no século XVII, as locuções prepositivas **perto de** e **à beira de**, como nos seguintes exemplos:

PORTUGUÊS

Século XIV:

A

[...] *que querian ir [...] aa cidade de Revena por cousas que hi avian de desembargar.* (DSG, 1, 20, 2)

A CABO DE\ CABO DE

*E a queste Laurio [...] jaz **cabo da** cidade de Neposina. (DSG, 1, 12, 5)*

ARREDOR DE

*[...] e vio **arredor de** si crecer grandes mouteiras d'ortigas e d'espigas. (DSG, 2, 2, 8)*

DERREDOR DE

*Ca hua ave pequena e negra que chaman mérloa começou a voar ante seu rostro e andar [...] **derredor dele**. (DSG, 2, 2, 3)*

PRETO DE\ APRETO DE

*Contou ainda San Gregorio que **preto do** seu moesteiro avia hua mui gram rua. (DSG, 2, 19, 2)*

Século XVI:

A

*[...] sendo a de Castella nuyto mais que a de Portugal por ser jaa muyta chegada **a** Touro. (GR, p. 160, l. 345-346)*

COM

*[...] e em nos recebendo no estrado, Diogo d'Azambuja era muyto manco de uma perna [...] e estava junto **com** os degraos com a muyta gente que chegava, [...] (GR, p. 287, l. 4181; l. 4181)*

DE

*[...] por nam yrem em vão arribaram junto **da** cidade de Anafee [...] (GR, p. 254, l.3192)*

TEMPO: APROXIMAÇÃO

LATIM SÉC. VI	INTRA	
PORT. SÉC. XIV	A	
PORT. SÉC. XVI	A	DE
PORT. SÉC. XVII	DENTRO EM	

Para expressar as relações de TEMPO: APROXIMAÇÃO, no latim do século VI, emprega-se **intra**, enquanto no português, usam-se: no século XIV, a preposição **a**; no século XVI, **a** e **de**; e no século XVII, **dentro em**, como se vê nos seguintes exemplos:

LATIM**INTRA**

[...] *illae autem a pristinis moribus nihil mutatae, **intra** paucos dies defunctae sunt.* (DSG, 2, 115, 1-2)
 ('E elas non mudaron nemigalha de seus costumes e a poucos dias morreron'. (DSG, 2, 115, 1-2))

PORTUGUÊS

Século XIV:

A

*E debes saber que tu passarás o mar e entrarás em Roma e reinarás ainda nove anos e **aos** dez anos morrerás.* (DSG, 2, 20, 2)

Século XVI:

A

[...] *dahi a poucos dias [...] se foram [...]* (GR, p. 155, l. 93-94)

DE

[...] *em que pollas praças e nas ruas ouve comeres mui abastados, e nos paços muitas danças e festas atee acerca da menhãã.* (GR, p. 313, l. 4927-4928)

Século XVII:

DENTRO EM

[...] *e que ali estava prevenindo uma caravela, para dentro em vinte e quatro horas se embarcar até à ilha de Madeira, [...]*. (AV, CM, p. 275, l. 270).

Quanto ao processo de gramaticalização, pode-se dizer que as preposições empregadas para expressar o conceito ESPAÇO: APROXIMAÇÃO, desapareceram na passagem para o português, alcançando o estágio zero. Apenas a forma **circa** deixou marcas no português, ao ser empregada, atualmente, na locução prepositiva **acerca de**, que indica ‘aproximação’.

No português do século XIV, observa-se que a preposição **a** se manteve na passagem para essa língua;

No que se refere às locuções prepositivas, todas as formas aqui empregadas são provenientes de recategorização, distribuindo-se do seguinte modo: N > PREP, como ocorre com as locuções **arredor de** \ **derredor de** e **cabo de**, usados para compor as locuções e passando as desempenhar a função das preposições, de estabelecer relações entre vocábulos. Por outro lado, tem-se o processo ADV > PREP, como ocorre com a locução **preto de** \ **apreto de** (atualmente, **perto de**)

No século XVI, todas as preposições encontram-se entre aquelas que se mantiveram na passagem para o português. No século XVII, são empregadas locuções prepositivas provenientes do processo de recategorização, quando N > PREP, como na perífrase **à beira de** e ADV > PREP, como na locução prepositiva **perto de**.

Com relação à expressão de TEMPO: APROXIMAÇÃO, a preposição empregada em latim, **intra**, desapareceu na passagem para o português, chegando ao estágio zero. Na língua portuguesa, nos séculos XIV e XVI, documenta-se a preposição **a**, que se manteve na passagem para o português e, ainda no século XVI, registra-se a preposição **de**, cuja forma também se conservou na passagem para o português; já no século XVII, documenta-se a locução prepositiva **dentro em**, o que constitui, como se observou, o primeiro passo do processo de gramaticalização, quando, nesse caso, um advérbio passa a ser usado como preposição.

8.1.2 As preposições *ex*, *ab*, *de* e *ad* do latim ao português

Como já se observou, há vários estágios do processo de gramaticalização, podendo os itens gramaticais passar por todas as etapas apontadas ou não.

Procura-se saber se houve um enriquecimento funcional, a partir de um grupo restrito de preposições latinas, ficando as restantes como resíduos históricos na gramática, sobrevivendo simplesmente como prefixos no processo de formação de palavras.

Conforme assinala J. Mattoso Câmara Jr (1975):

O enriquecimento funcional das preposições foi, entretanto, acompanhado de um empobrecimento quanto às formas concretas que constituem esse tipo de partículas. Grande parte das preposições latinas se perderam, e apenas subsistem na sua outra função de prefixos para a composição lexical.

No que diz respeito ao estudo dos prefixos, muitos deles são provenientes de preposições, que, num processo de enfraquecimento, juntaram-se a verbos ou nomes, tornando-se, portanto, morfemas presos.

Nesta pesquisa, são analisados os prefixos **AB-**, **EX-**, **DE-** e **AD-**, todos provenientes de preposições e, como já foi assinalado, as preposições que os originaram coexistiam na língua latina ao lado dos prefixos correspondentes.

Entretanto, na passagem para o português, dentre essas preposições, algumas desapareceram, chegando ao estágio zero de gramaticalização, como ocorreu com **AB** e **EX**, que se mantiveram apenas como prefixos, enquanto outras se conservaram como preposições e como prefixos, como no caso dos itens gramaticais **DE** e **AD**.

Na língua portuguesa, essas formas, além de conservarem sua significação, adquiriram novas acepções.

No português, em primeiro lugar, com referência à preposição **DE**, essa absorveu as acepções das forma **AB** e **EX**.

Já no latim popular, foram encontrados casos documentados em que a preposição **DE** substituiu **AB**, diante de complemento de agente; ex.: *accipit de Dasio* ‘recebeu de Dásio’, onde deveria ser *ab Dasio* (STATI, apud IORDAN; MANOLIU, 1972, p. 378).

Esses autores enfatizam que a preferência da preposição **DE** por **A(B)** decorre da homonímia entre **AB** e **AD**, devido à apócope das consoantes. Também ressaltam que, como o sentido de **AD**, ‘aproximação a um limite’, era muito diferente do sentido de **AB** e **DE**, a substituição do **AB** pelo **DE** facilitaria a comunicação, pois não haveria mais a possibilidade de confusão entre **AB** e **AD** pelo falante.

No latim vulgar, também a preposição **EX** (‘de’), que tem a acepção de ‘saída de um duplo limite com visão final’, é substituída pela preposição **DE**. Além disso, a preposição **DE** no latim apresentava-se como uma forma mais plena que **AB** e **EX**, pois tinha a vantagem de ser iniciada por uma consoante (ERNOUT; MEILLET, 1939, s. v. **de**).

Segundo M. Alvar e B. Pottier (1987, p. 297), **EX** (e sua variante **E**) perde a quantidade, passando de longo a breve, e, em decorrência desse fato fonético, também, perde a diferença casual. Além disso, com seu escasso corpo fônico, confundia-se com a conjunção *e(t)*. Essa última, na época imperial, eliminou todas as conjunções coordenativas aditivas (copulativas), além de assegurar sua vitalidade em múltiplos empregos, tornando-a difícil de ser substituída. Por outro lado, **EX** foi perdendo suas atribuições em relação à preposição **DE**, que primeiro teve uma idéia de ‘afastamento ou separação’, depois, a de movimento vertical e qualquer tipo de movimento. Desse modo, tem-se como exemplos: Espaço: lat. *exire ex navi* > port. ‘sair da nave’; Tempo: lat. *ex eo tempore* > port. ‘desde então’; Noção: lat. *statua ex marmore* > port. ‘estátua de mármore’.

Assim, de acordo com M. Said Ali (1964, p. 155), “**DE** é a preposição empregada com mais freqüência e para fins os mais diversos”. Dessa forma, a preposição *de* tem no seu sentido de base a idéia de ‘afastamento’, ‘distanciamento’, ‘separação’, sendo utilizada para expressar ‘um movimento de cima para baixo’.

M. Brea (1985, p. 161) observa que o romance respondia quase univocamente à pergunta *UNDE?* (‘de onde?’) com **DE**, que assumiu os valores de **EX** e **AB**. Constatase que, no latim, do valor local (‘lugar onde’) da preposição **DE**, passa-se à acepção de ‘procedência’, e dessa acepção para a de ‘extração’ (ex.: *oleum quod de matura olea fit* ‘[...] o azeite que da oliveira se extrai’, Catão) ou ‘indicação de uma parte tomada de um todo’ (genitivo partitivo). Da acepção ‘partindo de’ passou-se à de ‘em continuação de’, ‘depois’ ou ‘de trás de’ (ex.: *non bonust somnus de prandio* ‘Não há bom sono depois da refeição’, Plauto) e a acepção de ‘segundo’ e ‘conforme’ (*de sententia* ‘conforme a sentença’). Ao alargar a sua acepção original, a preposição *de* passa a denotar ‘causa’.

No que diz respeito ao valor temporal, **de** indica ‘o momento da ação’, como se pode observar nos exemplos seguintes: latim *de nocte venire*, *de mense decembri navigare* ‘vir de noite, navegar no mês de dezembro’; esp. *de dia y de noche*; gal. e port. *de dia e de noite*; fr. *de jour*; ital. *di giorno e di notte*; rom. *de seara si de noapte* etc. (MEYER-LÜBKE, 1900, p. 513-514).

Antes da preposição **DE** abarcar o domínio semântico das preposições **AB** e **EX**, com as quais se confundia, no seu escopo, **DE** também se encontrava na acepção de ‘referente’, ‘a propósito de’, tal como no exemplo, *de aliquo loqui* ‘falar de alguém’ (SAID ALI, 2001, p. 155). Com esse sentido, concorre com **SUPER** que irá substituí-lo nesse tipo de emprego (ERNOUT; MEILLET, 1939, s. v. *de*).

A preposição **DE**, além de substituir o ablativo, substituiu também o genitivo, como se pode observar nos exemplos abaixo (SAID ALI, 1964, p. 155):

- a) genitivo subjetivo: *amor matris* > *amor de mãe*;
- b) genitivo objetivo: *amor patriae* > *amor da pátria*;
- c) genitivo possessivo: *domus Regis* > *casa do rei*;
- d) genitivo especificativo: *virtus abstinentiae* > *virtude da abstinência*;
- e) genitivo de qualidade: *homo magni ingenii* > *homem de grande talento*;
- f) genitivo partitivo: *multas casas*;

g) genitivo de quantidade, peso, medida e grandeza: *multidão de homens, libra de carne, fossa quindecim pedum > vala de quinze pés;*

h) genitivo de idade: *puer decem annorum > menino de dez anos.*

M. Brea (1985, p. 164) afirma que a preposição **DE**, nas línguas românicas, além de desempenhar as funções que já exercia na língua latina, serviu também para expressar o genitivo latino, salvo no romeno, que o conservou em certa medida. De acordo com P. Bec (1970, p. 97), o romeno desenvolverá uma nova flexão para marcar a relação de posse (ex.: rom. *casa vecinului*, ‘a casa do vizinho’).

Enquanto o latim emprega o ablativo sem preposição ou com **EX**, para indicar a matéria, o romance utiliza a preposição **DE**, como se verifica nos exemplos seguintes: *la croce (fu fatta) di ferro; la maison (est bâtie) de bois; el Jersey de lana*. O mesmo acontece quando se trata de expressar a passagem de um estado a outro, como nos exemplos: *fare d’amante amico; hacer de tripas corazón* (MEYER-LÜBKE, 1900, p. 523; BREA, 1985, p. 163).

Outro uso que também é encontrado da preposição **DE** é como complemento de modo. Essa significação decorre da idéia de ponto de partida, assim como, do sentido da razão de ser de uma ação, já existindo esse emprego no latim, como por exemplo, *de plano* ‘completamente’, *de longo* ‘desde há muito tempo’, *de improvise* ‘de improvise’, *de integro* ‘corretamente’, ‘na íntegra’ etc. Porém, em todos os domínios românicos, esse uso expandiu-se em proporção bastante considerável, tendo como resultado, na maioria dos exemplos, locuções adverbiais, tais como, em rom. *de greu*, em ital. *di subito*, em fr. *de présent*, em gal. *dabondo*, em esp. *de lleno*, em port. *de certo, de leve, de manso* etc.

Também no que se refere aos graus de intensidade dos adjetivos, **DE** é o elemento introdutor do segundo termo da comparação, como nos exemplos: *Marius est fortior e duobus* ‘Mário é mais forte que os dois’; *Marius est fortior Petro* ‘Mário é mais forte do que Pedro’ que foram substituídos por *Mariu est magis/ plus forte de dui* ; *Mariu est magis/ plus forte de Petro*; de onde o ital. *Mario è il più forte dei due*, *Mario è più forte di Pietro*; esp. *el más fuerte de los dos* (porém *más fuerte que Pedro*); fr. *Pierre est le plus fort des deux* etc.

Quanto à preposição **A**, observa-se que ela mantém seus usos no português, além de apresentar novos usos.

Dos textos latinos, mesmo entre os mais renomados autores do período clássico – Ovídio, Virgílio, Horácio *et al.* – pode-se inferir com relativa facilidade o emprego da preposição **AD** correspondendo, atualmente, quanto à forma e ao sentido, à preposição portuguesa **A**, em seu valor semântico básico.

É notar que a preposição latina **AD**, ainda em sede do período clássico, já viera a conhecer mudanças semânticas a exemplo de seu uso em relação às formas **quo** (‘para onde’) e **ubi** (‘onde’), efetuando-se, destarte, ampliação de seu sentido.

Forma portuguesa derivada de **AD** da língua latina, a preposição **A**, sobrepujando os sentidos comuns com **AD**, veio a experimentar e inaugurar ampliações de sentido significativas nos contextos lingüísticos do vernáculo, a partir das épocas medievais até o momento atual.

Rosauta Poggio, com expressão magistral, em sua obra “*Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*”, demonstra às páginas 158 e ss. a exatidão da afirmação supra, para tanto elencando exemplos incontrovertidos sobre a questão ora posta.

Leciona a autora que a preposição **A** foi usada com ampliações de sentido: acepções de ‘tempo: afastamento’ e ‘noção: lugar abstrato’ – exemplificando a partir dos *Diálogos de São Gregório*.

Anno autem regni sui decimo omni potentis Dei indicio regnum cum vita perdidit.

(2, 102, 14-15)

E aos dez anos perdeu o reino e a vida per juizo de de Deus e á poderio sobre todas as cousas (2, 15, 10)

Quodam quoque Exhilaratus noster, quem ipse conversum nostri, transmissus a domino suo fuerat (2, 108, 14-15)

Huu tempo huu nosso meniho que avia nome Exilarado [...] que se tornara aa fe. (2, 18, 2).

Distanciando-se da preposição **AD** latina, a preposição **A** assume no vernáculo sentidos *sui generis* ausentes em textos latinos. Estes sentidos novos constata-se,

como já foi observado, já a partir da época medieval, sendo eles elencados a seguir:

(1) A preposição portuguesa **A** é usada na formação de locuções adverbiais (*à tarde, às vezes, ao lado et alia*).

*E assi parece que os santos **aas vezes** fazem miragres por poderio que an sobrelas creaturas que lhis Deus deu e **aas vezes** porque o peden ante a Nossoi Senhor per sa oraçon. (2, 30, 19).*

(2) A preposição portuguesa **A** entra também na formação de locuções prepositivas (*a cima de, aos pees de, ao cabo de, et alia*).

*E eles foron **a cima do** monte e acharon ja suar o penedo. (2, 5, 12).*

(3) A preposição portuguesa **A** compõe também algumas locuções conjuntivas, a exemplo de *a menos que, a não ser que, a fim de que, à medida que, ao passo que, et alia*.

*Iremos até lá **a menos que** tu não queiras.*

*Tudo fez ele **a fim de que** me correspondesse.*

***À medida que** escrevo aprendo o assunto.*

8.2 PERMANÊNCIA DOS PREFIXOS *EX-*, *AB-*, *DE-* E *AD-*

No que concerne à significação dos prefixos, no português, eles mantêm o sentido das preposições latinas que lhes serviram de base, tendo, entretanto, acrescentado algumas

acepções.

- Prefixo *EX-*

O prefixo *ex-* é encontrado no português atual nas seguintes acepções:

Qualidade: movimento

EXPATRIAR – ‘expulsar da pátria’; ‘exilar’.

EXTRAIR – (*ex + trahere* = ‘puxar’) – ‘puxar alguma coisa para fora de algo que a contém’.

EXPECTORAR – (*ex + pectore* = ‘peito’) – ‘expelir’, ‘soltar do peito’.

EXPORTAR – (*ex + portare* = ‘levar’) – ‘enviar para fora de um país, região etc.’

EXPULSAR – (*ex + pulsare* = ‘impelir’) – ‘pôr fora à fora’.

EXSUDAR – (*ex + sudare* = ‘suar’) – ‘exalar em forma de suor’

EXPIRAR – (*ex + spirare* = ‘soprar’) – ‘expelir o ar para fora dos pulmões’

EXPELIR – (*ex + pellere* = ‘atirar’) – ‘lançar fora com violência’.

EJETAR – (*ex + jacere* = ‘lançar-se’) – ‘fazer sair com força’.

EXORBITAR (*ex + órbita* = ‘órbita’) – ‘transgredir’.

Qualidade: mudança de natureza

EFEMINADO – (*ex + femina* = ‘mulher’) – ‘que tem modo de mulher’

ERUDITO – (*ex + rudis* = ‘rude’) – ‘instruído’.

Qualidade: mudança de um estado anterior para outro

EX-DIRETOR;

EX-MARIDO;

EX-PADRE;

EX-PROFESSOR.

Qualidade: intensidade sobre o termo primário

EXTENUAR – (*ex + tenuare* = ‘diminuir’) – ‘debilitar’; ‘enfraquecer’

Qualidade: movimento de baixo para cima

EXISTIR – (*ex + sistere* = ‘assentar’) – ‘aparecer’; ‘mostrar-se’

EMERGIR – (*ex + mergere* = ‘afundar’) – ‘subir à superfície da água’

EVOLAR – (*ex + volare* = ‘voar’) - ‘elevar-se voando’

Qualidade: privação

EXANGUE – (*ex + sanguine* = ‘sangue’) – ‘lívido’; ‘esvaído em sangue’.

EXÂNIME – (*ex + animu* = ‘espírito’) – ‘sem alento’; ‘desmaiado’.

ENERVAR – (*ex + nervu* = ‘nervo’) – ‘lânguido’; ‘fraco’.

ENODO – (*ex + nodu* = ‘nó’) – ‘que não tem nós’.

Qualidade: abundância

EXCEDER - (*ex + cedere* = ‘ir’) – ‘deslocar-se além’; ‘ir além’.

EXCELSO - (*ex + celsus* = ‘alto’) – ‘grandioso’; ‘sublime’.

EXAGERAR – (*ex + aggerere* = ‘ajuntar’) – ‘ostentar mais do que é algo’.

- Prefixo *AB-*

Encontra-se o prefixo **ab-**, no português contemporâneo, nas seguintes acepções:

Qualidade: afastamento/ separação

ABLUÇÃO – (*ab + luere* = ‘lavar’, ‘banhar’) – ‘ato de tirar lavando’.

AVERTER – (*ab + vertere* = ‘dirigir-se’) – ‘esquivar-se’.

AVERSÃO – ‘repugnância’.

ABDICAR – (*ab + dicare* = ‘dedicar-se’) – ‘renunciar a’.

ABDICAÇÃO – ‘desistência’.

ABSOLUTO – (*ab + solvere* = ‘soltar’) – ‘livre de’, ‘desprendido’.

ABSTRAIR – (*ab + trahere* = ‘puxar’) – ‘apartar de’; ‘afastar algo de um todo’.

ABJETO – (*ab + jacere* = ‘julgar’) – ‘desapossar’; ‘tirar’, por sentença passada em juízo’

ABLAÇÃO – (*ab + latere* = ‘ação’) – ‘ato de tirar por força’.

Qualidade: destruir; pôr termo

ABOLIR – (*ab + alere* = ‘desenvolver’) – ‘impedir’; ‘suprimir’.

ABOLIÇÃO – ‘supressão’.

ABORTO – (*ab + ortus* = ‘nascimento’) – ‘desaparecimento’; ‘perecer’.

Qualidade: desvio

ABERRAÇÃO – (*ab + erratione* = ‘via’) – ‘desvio do curso’

ANORMAL – (*ab + norma* = ‘regra’) – ‘desvio da regra’.

Qualidade: privação

ABSTÊMIO – (*abs + temum* = ‘vinho’) – ‘sóbrio’; ‘moderado’.

ABSTINÊNCIA – (*abs + tenere* = ‘possuir’) – ‘privação de algo que se possui’.

- Prefixo *DE-*

O prefixo **de-** é encontrado no português atual nas acepções seguintes:

Qualidade: movimento de cima para baixo.

DESCER – (*de + scandere* = ‘subir’) – ‘descender’.

DECLIVE – (*de + clivis* = ‘encosta’) – ‘inclinado’.

DEFLUXO – (*de + fluxus* = ‘corrimento’) – ‘que escorre de cima’.

DETRAIR – (*de + trahere* = ‘puxar’) – ‘puxar para baixo: ‘detratar’; ‘difamar’.

DEPRIMIR – (*de + premere* = ‘abaixar’) – ‘afundar’; ‘fazer descer’.

DEMITIR – (*de + mittere* = ‘enviar de cima’) – ‘demitir’.

DEDUZIR – (*de + ducere* = ‘trazer’) – ‘fazer trazer de cima’.

Qualidade: privação, negação

DEMENTE – (*de + mente* = ‘juízo’) – ‘estulto’; ‘insensato’.

DEGRADAR – (*de + gradus* = ‘grau’) – ‘privar do grau’; ‘desgraduar’.

DEFORME – (*de + formis* = ‘forma’) – ‘disforme’.

DESERDAR – (*de + herede* = ‘herdeiro’) – ‘deserdar’.

DEFEITO – (*de + facere* = ‘fazer’) – ‘falta’.

Qualidade: desvio

DEFLEXÃO – (*de + flexione* = ‘volta’) – ‘curvatura para baixo’.

DÉVIO – (*de + via* = ‘caminho’) – ‘extraviado’.

Qualidade: encerramento; término de ação

DEFUNTO – (*de + functu* = ‘cumprido’) - ‘aquele que se desobriga de algo (viver, por exemplo)’.

- Prefixo **AD-**

Segundo A. G. Cunha (1991), o prefixo **a-** possui origens e funções distintas. Em primeiro lugar **a-** é redução de **AD-** do latim **ad-**, nos verbos oriundos de substantivos (*acaboclar*) ou de adjetivos (*acertar*), ocorrendo também como elemento prefixal na formação de certos verbos, como *alembrear* ao lado de *lembrar*, em que o **a-** protético não altera o significado do vocábulo. Outro uso se refere à redução de **AB-** do latim **ab-** em alguns vocábulos. Esse último emprego não será tratado nesta pesquisa.

Empregos de **a/ad** no português atual:

Espaço: direção para

ADUZIR – (*ad + ducere* = ‘levar’) – ‘levar para’; ‘apresentar’.

ADENTRAR – (*ad + entrare* = ‘entrar’) – ‘dirigir-se para dentro’

AGREDIR – (*ad + gredior* = ‘dirigir’) – ‘dirigir a alguém’.

ACLIVE – (*ad + clivis* = ‘inclinação’) – ‘inclinação de terreno no sentido de baixo para cima’

ADVIR – (*ad + vir*) – ‘que vem para, até’.

ADVENTO – (*ad + venire* = ‘vir’) – ‘que chega a’.

Espaço: aproximação/ proximidade

ADJACÊNCIA – (*ad + jacere*) – ‘localidade vizinha’.

ADJETIVO – (*ad + jacere*) – ‘que se ajunta a’.

AFIM – (*ad + finis*) – ‘próximo’; ‘contíguo’.

ADERIR – (*ad + haerere*) – ‘que se junta a’.

ADNOMINAL – (*ad + nomen*) – ‘que une ao nome’.

ADVERBIAL – (*ad + verbum*) – ‘que une ao verbo’.

AGRUPAR – (*ad + grupo*) – ‘reunir’.

AGREGAR – (*ad + grex*) – ‘reunir’.

ADIMPLIR – (*ad + implere*) – ‘encher’; ‘cumprir’.

Qualidade: direção reflexiva/ retroativa

ATRAIR – (*ad + trahere* = ‘voltar’) – ‘fazer dirigir-se ou voltar-se para si’.

ALICIAR – (*ad + licere* = ‘atrair’) – ‘atrair com afagos’; ‘seduzir’.

ASSUMIR – (*ad + sumere*) – ‘encarregar-se de’

AFETAR – (*ad + facere* = ‘fazer’) – ‘apoderar-se de’.

ADMITIR – (*ad + mittere* = ‘enviar’) – ‘aceitar para si’.

ADVOGAR – (*ad + vocare* = ‘chamar’) – ‘chamar para si’

ARROGAR – (*ad + rogare* = ‘chamar’, ‘rogar’) – ‘chamar para si’.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da comparação entre as estruturas da língua latina e da língua portuguesa, no que se refere ao sistema das preposições, pôde-se constatar que algumas dessas formas se mantiveram na passagem do latim para o português, enquanto outras desapareceram. A redução inicial do número dessas preposições leva a um enriquecimento semântico daquelas que se mantiveram, como também à gramaticalização de novas preposições no português, a fim de suprir as formas de expressão daqueles conceitos.

Como já se comentou, há várias vias de formação dos itens gramaticais: alguns provêm de outros itens existentes na língua, o que decorre de uma mudança de classe gramatical (recategorização), outros decorrem da morfologização, isto é, da junção de elementos para formar um item gramatical (*desde*), e outros, ainda, partem de um primeiro estágio, que é o da formação de locuções prepositivas.

Assim, neste trabalho, focalizou-se a trajetória de quatro preposições latinas, sendo que duas se mantiveram (*de* e *ad*) e duas desapareceram (*ex* e *ab*), estas substituídas pela preposição *de*, em virtude de apresentar-se no latim como uma forma mais plena que *ab* e *ex*, pois tinha a vantagem de iniciar-se por consoante, impondo-se como facilitadora na comunicação. Buscou-se, através do estudo de textos representativos da língua latina e da língua portuguesa, identificar a correspondência no português daquelas formas empregadas para expressar os conceitos de AFASTAMENTO e APROXIMAÇÃO.

Um aspecto importante que se observou é que, na passagem para o português, as preposições *ex* e *ab* não chegaram ao estágio zero de gramaticalização, uma vez que no seu processo de enfraquecimento passaram a prefixos no português, mantendo o significado que expressavam em latim, como preposições, ao juntarem-se a verbos ou nomes, tornando-se, dessarte, morfemas presos, enquanto outras se conservaram como preposições e prefixos, como no caso dos itens gramaticais *de* e *ad*. Na língua portuguesa, tais formas, além de conservarem sua significação originária, adquiriram novas acepções.

Um ponto importante que se verificou no início desta pesquisa é que as línguas, ao perderem seus elementos gramaticais, buscam suprir essa falta com a gramaticalização de

novos elementos, ocorrendo, nesse caso, um processo de perdas e ganhos e que a inserção de uma mudança na gramática resulta num processo de gramaticalização “perfeito”.

Além do mais, observou-se que muitos elementos gramaticais iniciaram sua trajetória, apresentando acepções concretas e que, no decorrer dos séculos, esses elementos foram se tornando cada vez mais abstratos e cada vez mais gramaticais. Esses fatos podem comprovar a **teoria localista**, que parte do pressuposto de que os itens são empregados, inicialmente, em situações concretas, assumindo, com o passar do tempo, significações mais abstratas, como ‘tempo’ e ‘qualidade’.

No que concerne à **teoria dos protótipos**, pôde-se comprovar, com relação à significação, que os itens gramaticais mantiveram, durante os séculos, o sentido original do latim, sendo esse considerado, portanto, o sentido prototípico.

Quanto à forma, observou-se que alguns desses itens se mantêm na sua classe, sendo eles elementos prototípicos, enquanto outros migram de uma classe para outra, sendo, assim, elementos marginais.

10 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 35. ed. São Paulo: Saraiva, 1988.

ALVAR, Manuel; POTTIER, Bernard. *Morfología histórica del español*. Madrid: Gredos, 1987.

AZEVEDO, J. Lúcio de. *Cartas do Padre Antônio Vieira*. Lisboa: Imprensa Nacional, t. 1, p. 263-568.

BARBOSA, J. S. *Gramatica philosophica da lingua portugueza*. 4. ed. Lisboa: Academia Real de Sciencias, 1966.

BARROS, João de. *Gramática da língua portuguesa*. 3. ed. conforme a 1. ed. de 1540. Lisboa: Astória, 1957. José Pedro Machado (Ed.).

BASSOLS DE CLIMENT, Mariano. *Sintaxis latina*. Madrid: C. Bermejo, 1956. t. I.

BASTARDAS PARERA, Juan. *Particularidades sintacticas del latin medieval: (cartularios españoles de los siglos VIII al XI)*. Barcelona: Escuela de Filologia, 1953.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 31. ed. São Paulo: Nacional, 2002.

BEC, Pierre. *Manuel pratique de philologie romane: (italien, espagnol, portugais, occitan, gascon)*. Paris: A & J. Picard, 1970. t. 1.

BREA, Mercedes. Las preposiciones, del latin a las lenguas románicas. *Verba: Anuario galego de Filoloxia*. Universidade de Santiago de Compostela, v. 12, p. 147-182, 1985.

BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994. p. 125-174.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CASTILHO, A. T. de; MORAES DE CASTILHO, C. M. Advérbios modalizadores. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado: níveis de análise lingüística*. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993. v. 2. p. 213-260.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Um ponto de vista funcional sobre a predicação*. ALFA: Revista de Lingüística, São Paulo, v. 38, p. 75-95, 1994.

CASTILHO, Ataliba T. de. A gramaticalização. *Estudos lingüísticos e literários*, Salvador, v. 19, p. 25-64, mar. 1997.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 21. ed. São Paulo: Nacional, 1980.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico* Nova Fronteira da língua portuguesa. 2. ed. rev. e acresc. de um suplemento. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

CUNHA, Celso. *Gramática da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: MEC/FENAME, 1980.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIAS, Augusto Epiphany da Silva. *Syntaxe histórica portuguesa*. 3. ed. Lisboa: Clássica, 1954.

DILLINGER, Mike. Forma e função na lingüística. *D.E.L.T.A.* São Paulo, v. 7, no. 1, p. 395-407. 1991.

ERNOUT, Alfred; MEILLET, Antoine. *Dictionnaire etymologique de la langue latine*. 3 éd. Paris: Klincksieck, 1939.

FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire illustré latin français*. Paris: Hachette, 1934.

GIVÓN, Talmy. *On understanding grammar*. New York/San Francisco/London: Academic Press, 1975.

GIVÓN, Talmy. *Prototypes: between Plato and Wittgenstein*. In: CRAIG, Colette (Ed.). *Noun classes and categorization*, s. 1. 1986. p. 77-102.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Londres: Edward Arnold, 1985.

HEINE, B. (Orgs.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins. 1991. v. 1. p. 37-80.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT Elizabeth Closs; HEINE, B. (Eds.) *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 1991. v. 1. p. 17-35.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: CUP, 1993.

HOPPER, Paul J. Phonogenesis. In: PAGLIUCA, W. (Ed.) *Perspectives on grammaticalization: current issues in linguistic theory*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1994. p. 29-45.

HOPPER, Paul J. *Some recent trends in grammaticalization*. *Annu. Rev. Anthropol*, n. 25, p. 217-236, 1996.

ILARI, Rodolfo. Temas em funcionalismo: da organização temática ao processamento cognitivo. *Boletim ABRALIN*, São Paulo, v. 19, p. 39-49, 1996.

IORDAN, Iorgu; MANOLIU, Maria. *Manual de lingüística românica*. Revisión, reelaboración parcial y notas por Manuel Alvar. Madrid: Gredos, 1972. t. 1.

KATO, Mary A. Formas de funcionalismo na sintaxe. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 14, n. especial. p. 145-168. 1998.

KLEIBER, Georges. *La sémantique du prototype: catégories et sens lexical*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

LAKOFF, George, JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1980.

LEHMANN, Christian. *Thoughts on grammaticalization: a programmatic sketch*. *Arbeiten des Kölner Universalien-Projekts*, 1982. v. 1.

LICHTENBERK, F. *On the gradualness of grammaticalization*. In: TRAUGOTT, E. C.;

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 2. ed. Prefácio de Serafim da Silva Neto. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1958.

LINDSAY, W. M. *A short historical latin grammar*. 2 ed. Oxford: Claredon, 1937.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3. ed. Lisboa: Confluência, 1977. v. 3.

MAGNIEN, Victor. *Grammaire comparée du grec et du latin*. Toulouse: Bordas, 1948. t. 3.

MARTELOTTA, Mario Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ-

Departamento de Lingüística e Filologia, 1996.

MARTINET, André. Qu'est-ce que la linguistique fonctionnelle? *Alfa: Revista de Lingüística*. São Paulo, v. 38, p. 11-19, 1994.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989.

MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Honoré Champion, 1948. . [1. ed. 1912].

MEYER-LÜBKE, W. *Grammaire des langues romanes*. Traduction française par Auguste Doutrepoint et Georges Doutrepoint. Paris: H. Welter, 1900, t. 3: syntaxe. xvi + 857p.

MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, V. (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de Salvador*; Materiais para seu estudo. Salvador; Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 1994. V. 1.

NARO, Anthony J.; VOTRE, Sebastião J. Mecanismos funcionais do uso da língua: função e forma. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 8. p. 285-90, 1992.

NASCIMENTO, Milton do. Teoria gramatical e “mecanismos funcionais do uso da língua”. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 6. no. 1. p. 83-98, 1990.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Uma visão geral da gramática funcional*, ALFA: Revista de Lingüística, São Paulo, v. 38, p. 109-127, 1994.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática de usos é uma gramática funcional*. Boletim ABRALIN, São Paulo, v. 19, p. 27-38, 1996.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

NUNES, J. Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia*. 6. ed. Lisboa: Clássica, 1960.

POGGIO HEINE, Ângela Emília F. *Gramaticalização e relações semânticas dos itens de e des/ desde nos séculos XIV, XVI e XVII*. 2006. 2 v. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

POGGIO, Rosauta Maria G. F. *Relações expressas por preposições no período arcaico do português em confronto com o latim*. 1999. 3 v. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

POGGIO, Rosauta Maria G. F. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*. Salvador: EDUFBA, 2002.

POGGIO, Rosauta Maria G. F. Notas de aula na Pós-Graduação. 2006.

PÖLL, Bernhard. *Fraseologia portuguesa: algumas perspectivas de pesquisa*. Verba hispanica IV, Liubliana, p. 177-186, 1994.

POTTIER, Bernard. *Systématique des éléments de relations*. Paris: Klincksieck, 1962.

RUBIO, Lisardo. *Introducción a la sintaxis estructural del latín*. Barcelona: Ariel, 1983.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3. ed. melhorada e aumentada de lexeologia e formação de palavras e sintaxe do português histórico. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 8. ed. rev. e ampl. por Mário Eduardo Viaro. São Paulo/ Brasília: Melhoramentos/ Editora Universidade de Brasília, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Org. por Charles Bally e Albert Sechehaye, colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

SVOROU, Soteria. *The grammar of space*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.

SWEETSER, E. *Grammaticalization and semantic bleaching*. In: AXMAKER, S. et al. (Eds.). General session and parasession on grammaticalization. Berkeley: Berkeley Linguistics, 1988. p. 389-405.

TAYLOR, John R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. New York/ Oxford: Oxford University Press, 1992.

TRAUOGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991. v. 1.

VAZQUEZ CUESTA, Pilar; LUZ, Maria Albertina Mendes da. *Gramática da língua portuguesa*. Trad. De Ana Maria Brito e Gabriela de Matos. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

VERDELHO, Evelina. *Livro das obras de Garcia de Resende*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1989.

VOTRE, Sebastião J.; NARO, Anthony J. Mecanismos funcionais do uso da língua. *D.E.L.T.A.*, v. 5, n. 2, p. 169-184, 1989.

VOTRE, Sebastião Josué; NARO, Anthony Julius. Mecanismos funcionais do uso da língua. In: MACEDO, Alzira Tavares; RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria Cecília (Org.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 51-62.

VOTRE, Sebastião Josué; OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Resenha: GIVÓN, T. (1995). Functionalism and grammar. *D.E.L.T.A.*, v. 13, n. 2, p. 331-340, 1997.



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística

Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



Ivan Menezes Calazans

**PROCESSOS DE PREFIXAÇÃO: ESTUDO DE PREFIXOS
LATINOS PROVENIENTES DE PREPOSIÇÕES E SEUS
REFLEXOS NO PORTUGUÊS**

SALVADOR - BAHIA
2007

